

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CURSO DE BACHARELADO EM ARQUITETURA E URBANISMO

**REBECA ROCHA SANTOIANI**

# **[CORPO E CIDADE]**

ESTUDO PRELIMINAR PARA UM CENTRO DA CULTURA CORPORAL DO  
MOVIMENTO NO BAIRRO DE SANTANA - RECIFE/PE

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Santoianni, Rebeca Rocha.

Corpo e cidade: estudo preliminar para um centro da cultura corporal do movimento no bairro de Santana, Recife/PE / Rebeca Rocha Santoianni. - Recife, 2024.

124 p, : il.

Orientador(a): Ênio Laprovitera da Motta

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo - Bacharelado, 2024.

Inclui referências, apêndices.

1. Vitalidade urbana. 2. Cultura corporal do movimento. 3. Pavilhão público. I. Motta, Ênio Laprovitera da. (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)



REBECA ROCHA SANTOIANI

**[CORPO E CIDADE]** ESTUDO PRELIMINAR PARA UM CENTRO DA CULTURA  
CORPORAL DO MOVIMENTO NO BAIRRO DE SANTANA – RECIFE/PE.

Trabalho final de graduação apresentado à  
Universidade Federal de Pernambuco, como  
requisito para o recebimento do Bacharel em  
Arquitetura e Urbanismo.

**Orientador:** Ênio Laprovitera

RECIFE, 2024



# AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a paciência e confiança de todos os amigos, familiares, professores e mentores que continuaram me incentivando, mesmo quando eu insistia em desacreditar de mim mesma. Em especial, gostaria de agradecer a universidade pública por sua pluralidade e por ter me permitido conhecer pessoas tão geniais.

Ao meu orientador, por toda a paciência e sensibilidade nos aconselhamentos.

A Lílian, pela parceria, paciência, conversas sobre a arquitetura e sobre essa vida de arquitetas. Sem você, eu não teria chegado aqui.

A Beth e Laura, por todas as reuniões online, às vezes só pra desabafar e puxar a orelha da outra pra não desistir e manter o foco nessa reta final.

A todos os amigos do parkour e treinos de movimento, que tanto me inspiraram e transformaram minha vivência na cidade.

À minha família, pelo apoio incondicional de sempre. Às companheiras de escritório, pela parceria e trabalho em equipe. Obrigada por toda a força e palavras de incentivo.

Às chefas, por me mostrarem o que é viver de arquitetura e por proporcionarem um ambiente tão rico de aprendizados.

Aos meus antigos GEs, que já estão todos formados, mas que compartilhei tantos momentos felizes e difíceis ao longo da graduação. Sem vocês eu também não teria chegado até aqui.



### **[Fábula de um arquiteto]**

*“A arquitetura como construir portas,  
de abrir; ou como construir o aberto;  
construir, não como ilhar e prender,  
nem construir como fechar secretos;  
construir portas abertas, em portas;  
casas exclusivamente portas e tetos.  
O arquiteto: o que abre para o homem  
(tudo se sanearia desde casas abertas)  
portas-por-onde, jamais portas-contra;  
por onde, livres: ar luz razão certa.*

*Até que, tantos livres o amedrontando,  
renegou dar a viver no claro e aberto.  
Onde vãos de abrir, ele foi amurando  
opacos de fechar; onde vidro, concreto;  
até refechar o homem: na capela útero,  
com confortos de matriz, outra vez feto.”*



# RESUMO

Vivenciar a cidade, ocupar as ruas, usar as praças, andar de bicicleta, praticar esportes ao ar livre são atividades que deveriam ser corriqueiras para qualquer cidadão. No entanto, muitas vezes, a realização dessas atividades esbarra na falta de espaços propícios para tal. Como o corpo se movimenta e vivencia experiências de lazer e cultura nos espaços da cidade? A cidade contemporânea, como reflexo da sociedade em que está inserida, é adoecida pela extrema desigualdade social, pelo desprezo ao coletivo e pela rapidez dos acontecimentos. Segundo Augé [2005], há a proliferação de não-lugares - espaços não identitários, enclausurados e não históricos, de mera circulação e consumo, como shoppings e aeroportos, gerando urbes com ruas sem vida, de convivência efêmera e superficial e que em nada são atrativas para o pedestre. Essa arquitetura padronizada das cidades globais, fomenta experiências também padronizadas de espaço, na medida que fragmenta e limita ainda mais as interações sociais humanas. Considerando o lazer como uma dimensão da cultura, as experiências de lazer públicas, que acontecem em espaços abertos e não em espaços privados de natureza seletiva, trazem de volta a vida necessária para tornar a cidade centro socioeconômico e político. Dessa forma, este trabalho objetiva desenvolver um projeto que estimule a vitalidade urbana, criando um edifício que se conecte e complemente o uso do parque Santana na cidade de Recife. No terreno localizado em frente ao parque - que atualmente configura-se como um grande vazio urbano - é proposto um pavilhão, que oferece à cidade um espaço público sombreado e configura-se como o protagonista da intervenção, sendo porta de entrada de um complexo de salas adaptáveis para diversas práticas do movimento. Além de estimular a coesão social, o conjunto pode incentivar uma apropriação mais ativa do espaço, reforçando o parque como polo de referência para a população e revitalizando o bairro.

# LISTA DE FIGURAS

## [CAPÍTULO 01]

Figura 01 - **[Vitalidade urbana nas cidades]**. Fonte: Caos Planejado. Disponível em: <https://caosplanejado.com/vitalidade-urbana/>. Acesso em: 20 jan. 2024

Figura 02 - **[Cidade vazia, sem vida]**. Fonte: Folha Uol. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/12533-cidade-vazia>. Acesso em: 20 jan. 2024

Figura 03 - **[Ville Radieuse de Le Corbusier]**. Fonte: Archdaily. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/787030/classicos-da-arquitetura-ville-radieuse-le-corbusier>. Acesso em: 20 jan. 2024

Figura 04 - **[Parques com atividades reúne diferentes pessoas]**. Fonte: Alana. Disponível em: <https://alana.org.br/slowkids-reune-5-mil-pessoas/>. Acesso em: 20 jan. 2024

Figura 05 - **[Condomínios fechados em São Paulo]**. Fonte: Observatório das metrópoles. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/o-brasil-na-era-das-cidades-condominio/>. Acesso em: 20 jan. 2024

Figura 06 - **[Ilustração da Revolução Agrícola]**. Fonte: Outro Olhar. Disponível em: <https://www.outroolharinfo.com/2020/03/revolucao-agricola-maior-revolucao.html>. Acesso em: 20 jan. 2024

Figura 07 - **[Fotografia da Revolução Industrial]**. Fonte: Doc Play. Disponível em: <https://docplayer.com.br/79786494-Revolucao-industrial-avancos-tecnologicos-sedentarismo-poluicao-urbanismo-e-a-evolucao-da-sociedade.html>. Acesso em: 20 jan. 2024

Figura 08 - **[Práticas esportivas realizadas no antigo Egito]**. Fonte: Fascínio Egito. Disponível em: <https://www.fascinioegito.sh06.com/esportes.html>. Acesso em: 20 jan. 2024

Figura 09 - **[Práticas esportivas ao ar livre]**. Fonte: Campo Grande News. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/faz-bem/curso-gratuito-ensina-acrobacias-em-tecido-no-ginasio-da-ufms>. Acesso em: 20 jan. 2024

Figura 10 - **[Práticas de tecido acrobático em parques da cidade]**. Fonte: Sempre Bem. Disponível em: <https://semprebem.paguemenos.com.br/posts/saude/esportes-ao-ar-livre>. Acesso em: 20 jan. 2024

Figura 11 - **[Práticas skate utilizam a cidade como palco]**. Fonte: Google Imagens. Disponível em:

[https://www.google.com/search?q=pessoas+praticando+parkout+e+skate&tbm=isch&ved=2ahUKEwjIqPa6x8yEAXWdP7kGHf3QA10Q2cCegQIABAA&oq=pessoas&gs\\_l=EgNpbWciB3Blc3NvYXMqAggAMgQQIxgnMgQQIxgnMggQABiABBixAzIEEAYgAQYsQMyCBAAGIAEGLMgQABiABBixAzIFEAAyGAAQyCBAAGIAEGLMgUQABiABDIFEAAyGARI0y9QywZYzhdwA3gAkAEAmAHQAaAB2AqAQYwLjEwLjG4AQHIAQD4AQGKAgtnd3Mtd2l6LWltZ8ICBxAAGIAEGB0IBgE&scient=img&ei=uGDeZeXsN53\\_5OUP\\_aGP6AU&bih=607&biw=1366&rlz=1C1CHZN\\_pt-BRBR1017BR1017](https://www.google.com/search?q=pessoas+praticando+parkout+e+skate&tbm=isch&ved=2ahUKEwjIqPa6x8yEAXWdP7kGHf3QA10Q2cCegQIABAA&oq=pessoas&gs_l=EgNpbWciB3Blc3NvYXMqAggAMgQQIxgnMgQQIxgnMggQABiABBixAzIEEAYgAQYsQMyCBAAGIAEGLMgQABiABBixAzIFEAAyGAAQyCBAAGIAEGLMgUQABiABDIFEAAyGARI0y9QywZYzhdwA3gAkAEAmAHQAaAB2AqAQYwLjEwLjG4AQHIAQD4AQGKAgtnd3Mtd2l6LWltZ8ICBxAAGIAEGB0IBgE&scient=img&ei=uGDeZeXsN53_5OUP_aGP6AU&bih=607&biw=1366&rlz=1C1CHZN_pt-BRBR1017BR1017). Acesso em: 20 jan. 2024

Figura 12 - **[Sede do Compaz Governador Eduardo Campos em Recife]**. Fonte Site Compaz. Disponível em:

[https://www.google.com/search?q=compaz+recife&tbm=isch&ved=2ahUKEwi53JHPnMCEAxXKPkGHY1oAhMQ2cCegQIABAA&oq=compaz+recife&gs\\_l=EgNpbWciDWNvbXBheiByZWNpZmUyBRAAGIAEMgcQABiABBqYMgcQABiABBqYSK4fUP8GWKQdcAB4AJABAJgB4wGgAacUqgEGMC4xMS4zuAEDyAEAEBigILZ3dzLXdpei1pbWfCAgQQIxgnwgIOEAAyGAAQYigUYsQMYqWHCAGoQABiABBikBRhDwgIEEAYgAQYsQPCAgQQABgDwgINEAAyGAAQYigUYQxixA4gGAQ&scient=img&ei=L-nXZfmILMr75OUPjdGJmAE&bih=607&biw=1366&rlz=1C1CHZN\\_pt-BRBR1017BR1017#imgcr=UurmxF13XcZLM](https://www.google.com/search?q=compaz+recife&tbm=isch&ved=2ahUKEwi53JHPnMCEAxXKPkGHY1oAhMQ2cCegQIABAA&oq=compaz+recife&gs_l=EgNpbWciDWNvbXBheiByZWNpZmUyBRAAGIAEMgcQABiABBqYMgcQABiABBqYSK4fUP8GWKQdcAB4AJABAJgB4wGgAacUqgEGMC4xMS4zuAEDyAEAEBigILZ3dzLXdpei1pbWfCAgQQIxgnwgIOEAAyGAAQYigUYsQMYqWHCAGoQABiABBikBRhDwgIEEAYgAQYsQPCAgQQABgDwgINEAAyGAAQYigUYQxixA4gGAQ&scient=img&ei=L-nXZfmILMr75OUPjdGJmAE&bih=607&biw=1366&rlz=1C1CHZN_pt-BRBR1017BR1017#imgcr=UurmxF13XcZLM). Acesso em: 20 jan. 2024

Figura 13 - **[Academia da Cidade em Recife]**. Fonte: Cbn Recife. Disponível em: <https://www.cbnrecife.com/artigo/academias-recife-passam-a-contar-com-aulas-exclusivas-para-populacao-60>. Acesso em: 20 jan. 2024

Figura 14 - **[Bibliotecas Parque em Medellín na Colômbia]**. Fonte: Marina Colasanti. Disponível em: <https://www.marinacolasanti.com/2019/10/medellin-cidade-leitura.html>. Acesso em: 20 jan. 2024

Figura 15 - **[Arena do Morro em Natal/RN]**. Fonte: Dezeen. Disponível em: <https://www.dezeen.com/2014/05/19/arena-do-morro-herzog-de-meuron-brazil/>. Acesso em: 20 jan. 2024

## **[CAPÍTULO 02]**

Figura 16 - **[Vista do Bairro de Santana]**. Fonte: Wikimapia. Disponível em: [https://wikimapia.org/1745057/pt/Santana#google\\_vignette](https://wikimapia.org/1745057/pt/Santana#google_vignette). Acesso em: 02 fev. 2024

Figura 17 - **[Ilustração do Engenho Casa Forte, nas proximidades do Bairro de Santana]**. Fonte: Engenhos de Pernambuco. Disponível em: <https://engenhosdepernambuco.blogspot.com/2014/11/engenhode-jeronimo-paes-de-gonsalves.html>. Acesso em: 02 fev. 2024

Figura 18 - **[Comunidade de Santa Luzia, no Bairro da Torre]**. Fonte: Leia Já. Disponível em: <http://vestibular.leiaja.com/tags/comunidade-santa-luzia>. Acesso em: 02 fev. 2024

Figura 19 - **[Entrada do Parque Santana]**. Fonte: Prefeitura do Recife. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/28/12/2012/joao-da-costa-inaugura-parque-santana>. Acesso em: 02 fev. 2024

Figura 20 - **[Pista de cooper do Parque Santana]**. Fonte: Folha PE. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/parques-e-praias-do-recife-tem-pouco-movimento-neste-domingo/134389/>. Acesso em: 02 fev. 2024

Figura 21 - **[Ponte que liga o Parque Santana à comunidade de Santa Luzia]**. Fonte: Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/TorreNoticias/status/1074706665780461574>. Acesso em: 02 fev. 2024

Figura 22 - **[Parque de Santana, 2023]**. Fonte: Autora

Figura 23 - **[Parque de Santana, 2023]**. Fonte: Autora

Figura 24 - **[Parque de Santana, 2023]**. Fonte: Autora

Figura 25 - **[Parque de Santana, 2023]**. Fonte: Autora

Figura 26 - **[Imagens do terreno, 2023]**. Fonte: Autora

Figura 27 - **[Imagens do terreno, 2023]**. Fonte: Autora

Figura 28 - **[Imagens do terreno, 2023]**. Fonte: Autora

Figura 29 - **[Imagens do terreno, 2023]**. Fonte: Autora

### **[CAPÍTULO 03]**

Figura 30 - **[Entrada da Cité da La Musique]**. Fonte: Google Imagens. Disponível em: <https://www.amisbnf.org/activites/laissez-passer-cite-musique>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Figura 31 - **[Detalhe do pórtico de entrada]**. Fonte: Google Imagens. Disponível em: <https://www.amisbnf.org/activites/laissez-passer-cite-musique>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Figura 32 - **[Entrada da Rua Musicale]**. Fonte: Google Imagens. Disponível em: <https://philharmoniedeparis.fr/fr/decouvrir/cite-de-la-musique>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Figura 33 - **[Rua Musicale]**. Fonte: Google Imagens. Disponível em: <https://philharmoniedeparis.fr/fr/decouvrir/cite-de-la-musique>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Figura 34 - **[Entrada do Cité de La Musique]**. Fonte: Google Imagens. Disponível em: <https://philharmoniedeparis.fr/fr/decouvrir/cite-de-la-musique>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Figura 35 - **[Implantação da Cité de La Musique]**. Fonte: Google Imagens. Disponível em: <https://fr.wikiarquitectura.com/b%C3%A2timent/cite-de-la-musique-philharmonie-2/>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Figura 36 - **[Entrada da Praça das Artes – São Paulo]**. Fonte: Google Imagens. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Figura 37 - **[Esquema ilustrando a implantação do projeto]**. Fonte: Archdaily. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Figura 38 - **[Praça interna do projeto]**. Fonte: Prefeitura de São Paulo. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/se/noticias/?p=91979>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Figura 39 - **[Praça interna do projeto]**. Fonte: Prefeitura de São Paulo. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/se/noticias/?p=91979>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Figura 40 - **[Visão externa da Praça das Artes]**. Fonte: Casa Cor. Disponível em: <https://casacor.abril.com.br/arquitetura/projeto-da-praca-das-artes-revitaliza-o-centro-e-se-conecta-com-a-cidade/>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Figura 41 - **[Esquema de zoneamento do projeto]**. Fonte: Archdaily. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Figura 42 - **[Vista de uma das entradas da Praça das Artes]**. Fonte: Archdaily. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Figura 43 - **[Vista interna do complexo]**. Fonte: Archdaily. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Figura 45 - **[Apropriação da marquise]**. Fonte: Vitruvius. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.070/371>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Figura 46 - **[Vista da marquise vazia]**. Fonte: Vitruvius. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.070/371>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Figura 47 - **[Vista da marquise]**. Fonte: Folha Uol. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/11/1937543-parque-do-ibirapuera-tem-queda-de-parte-da-marquise.shtml>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Figura 48 - **[Vista aérea da Marquise]**. Fonte: Researchgate. Disponível em: [https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Vista-aerea-parcial-do-Parque-do-Ibirapuera-marquise-e-imediacoes-Fonte-TEAGA\\_fig2\\_322460576](https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Vista-aerea-parcial-do-Parque-do-Ibirapuera-marquise-e-imediacoes-Fonte-TEAGA_fig2_322460576). Acesso em: 12 fev. 2024.

Figura 49 - **[Marquise do Ibirapuera por Oscar Niemeyer]**. Fonte: R7. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/marquise-do-ibirapuera-tem-trecho-interditado-por-infiltracoes-05022019>. Acesso em: 12 fev. 2024.

Figura 50 - **[Implantação da Marquise no terreno]**. Fonte: Archdaily. <https://www.archdaily.com.br/br/916187/marquise-do-ibirapuera-suporte-ao-uso-indeterminado>. Acesso em: 12 fev. 2024.

## **[CAPÍTULO 04]**

Figura 51 - **[Situação atual do terreno: vazio urbano]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 52 - **[Volume primário de implantação do edifício com forma em “L” e pátio com área verde no centro]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 53 - **[Volume mais fechado com pátio verde central]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 54 - **[Identificação de linhas de força a partir da entrada do Parque Santana e delimitação dos eixos principais de acessos]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 55 - **[Decomposição do volume em 02 blocos e suspensão do bloco do pavilhão para criação do térreo livre e grande sombra]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 56 - **[Criação da alameda, servindo como elemento conector entre os blocos e com a calçada, atraindo os pedestres para o interior do lote]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 57 - **[Tanto o bloco de salas quanto o pavilhão seguem a mesma modulação de estrutura e, assim como a alameda, gera conexão entre os dois blocos; redução e simplificação da laje do pavilhão através da estrutura dos pergolados, gerando integração com as áreas verdes]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 58 - **[Alocação do programa totalmente público voltado para atividades do movimento conforme zoneamento a seguir]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 59 - **[Esquema de Zoneamento]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 60 - **[Visão geral do terreno 01]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 61 – **[Visão geral do terreno 02]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 62 – **[Esquina]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 63 – **[Vista fachada fundo]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 64 – **[Vista bloco banheiro]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 65 – **["If people rather than cars are invited into the city, pedestrian traffic and city life increase correspondingly." - "Se as pessoas, em vez dos carros, forem convidadas para a cidade, o tráfego de pedestres e a vida na cidade aumentarão correspondentemente." Jan Gehl, 2010]**. Fonte: Urban

Spring Time. Disponível em:

<https://urbanspringtime.blogspot.com/2018/07/playable-cities-how.html>. Acesso

em: Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 66 – **["The Plan for Play aims to make Barcelona a playable city by 2030. © Thomson Reuters Foundation/Sophie Davies"]**. Fonte: Urbanet.

Disponível em: <https://www.urbanet.info/streets-as-vital-public-spaces-for-children/>. Acesso em: Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 67 – **["Skateboarding was part of what makes our city attractive to young people. We have to give them things to do and places to be, places they want to be". Raízes de árvores gerando desníveis no asfalto. "]**. Fonte:

Why every city needs a skatepark, Josh Nims, TEDxPhiladelphia. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=NOC\\_XHicymY&ab\\_channel=TEDxTalks](https://www.youtube.com/watch?v=NOC_XHicymY&ab_channel=TEDxTalks).

Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 68 – **[Ale Cesario, University Luigi Bocconi, Milan. Photo Mike O'Meally]**. Fonte: Does skateboard urbanism work?. Disponível em:

<https://www.domusweb.it/en/architecture/gallery/2020/10/09/skateboard-urbanism.html>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 69 – **[Brazilian skateboarders Pedro Barros and Murilo Peres were given permission to skate some of Oscar Niemeyer's iconic architecture.**

**"Irreverence, freedom, the search for challenges, creativity in movement, all of this is in the essence of skateboarding as well as in Niemeyer's work, made of free, beautiful, and surprising curves."]**. Fonte: Barros and Peres skate

Oscar Niemeyer's iconic architecture. Disponível em:

<https://www.surfertoday.com/skateboarding/barros-and-peres-skate-oscar-niemeyer-iconic-architecture>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 70 – **[Espaços públicos que demonstram uma nova forma de vivenciar a cidade, experimentando movimentos de nossos próprios corpos à luz do desenho urbano ou arquitetônico]**. Fonte: Skateboarding, Architecture and

Urbanism. Disponível em: <https://www.archdaily.com/984460/skateboarding-architecture-and-urbanism>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 71 – **[Espaços públicos que demonstram uma nova forma de vivenciar a cidade, experimentando movimentos de nossos próprios corpos à luz do desenho urbano ou arquitetônico]**. Fonte: Skateboarding, Architecture and Urbanism. Disponível em: <https://www.archdaily.com/984460/skateboarding-architecture-and-urbanism>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 72 – **[Espaços públicos que demonstram uma nova forma de vivenciar a cidade, experimentando movimentos de nossos próprios corpos à luz do desenho urbano ou arquitetônico]**. Fonte: Skateboarding, Architecture and Urbanism. Disponível em: <https://www.archdaily.com/984460/skateboarding-architecture-and-urbanism>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 73 – **[Espaços públicos que demonstram uma nova forma de vivenciar a cidade, experimentando movimentos de nossos próprios corpos à luz do desenho urbano ou arquitetônico]**. Fonte: Skateboarding, Architecture and Urbanism. Disponível em: <https://www.archdaily.com/984460/skateboarding-architecture-and-urbanism>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 74 – **[Espaços públicos que demonstram uma nova forma de vivenciar a cidade, experimentando movimentos de nossos próprios corpos à luz do desenho urbano ou arquitetônico]**. Fonte: Skateboarding, Architecture and Urbanism. Disponível em: <https://www.archdaily.com/984460/skateboarding-architecture-and-urbanism>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 75 – **[A Prefeitura de Stuttgart, na Alemanha, teve a intenção de construir uma cobertura para o skaterpark localizado em Friedhofstreet, ao norte da cidade. O novo envelope, construído em 2008, permite que o parque seja utilizado até as 22:00 horas, e também em caso de chuva ou neve. Arquitetos: Herrmann + Bosch Architekten]**. Fonte: Archidayle. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/946718/kickflips-e-slides-pistas-de-skate-em-contextos-urbanos>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 76 – **[A Prefeitura de Stuttgart, na Alemanha, teve a intenção de construir uma cobertura para o skaterpark localizado em Friedhofstreet, ao norte da cidade. O novo envelope, construído em 2008, permite que o parque seja utilizado até as 22:00 horas, e também em caso de chuva ou neve. Arquitetos: Herrmann + Bosch Architekten]**. Fonte: Archidayle. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/946718/kickflips-e-slides-pistas-de-skate-em-contextos-urbanos>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 77 – **[Pista de Skate Sob o Viaduto Krymsky / Snohetta + Strelka KB + Strelka Architects. A criação de uma pista de skate sob o viaduto fazia parte do plano de reconstrução de um Garden Ring (uma avenida circular ao redor do centro de Moscou). Antes da reconstrução, esse lugar era usado como estacionamento. Agora, este espaço público faz parte da vida social de Moscou e é um novo ponto de encontro para os jovens]**. Fonte: Archdaily.

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/946718/kickflips-e-slides-pistas-de-skate-em-contextos-urbanos>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 78 - **[O skate é uma experiência urbana. Com espaços públicos interativos e superfícies táteis, as pistas de skate começaram lentamente a moldar a maneira como pensamos o desenho urbano]**. Fonte: Archdaily.

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/946718/kickflips-e-slides-pistas-de-skate-em-contextos-urbanos>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 79 - **[O skate surgiu nas cidades litorâneas da Califórnia, como uma atividade de surfistas, emulando os movimentos do surf nas superfícies urbanas e de concreto. O skate sempre foi uma questão de apropriação da cidade." Iain Borden em Skateboarding, Space and the City: Architecture and the Body]**. Fonte: Archdaily. Disponível em:

<https://www.archdaily.com.br/br/946718/kickflips-e-slides-pistas-de-skate-em-contextos-urbanos>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 80 - **[Escultura Dame du lac instalada em um parque público de Lisses, nos subúrbios de Paris, conhecido como "marco zero" do Parkour]**. Fonte:

Parkour History: The (Re)Birth of a Movement. Disponível em: <https://danedwardes.com/2013/06/16/parkour-history-the-rebirth-of-a-movement/>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 81 - **[How do you view your city? Does it feel constricting to you? Restrictive? Is it full of cold, lifeless structures? Unwelcoming? Unappealing? Or do you have no feeling about it, positive or negative? What's your vision of the urban environment you inhabit?]**. Fonte: Parkour Vision: What's a City For?.

Disponível em: <https://danedwardes.com/2013/06/16/parkour-vision-whats-a-city-for/>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 82 - **[Why the modern focus on safety at all costs is lowering our competence, confidence and capabilities while also making us less safe overall?]**. Fonte: Safety... Second?.

Disponível em: <https://danedwardes.com/2023/12/21/safety-second/>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 83 - **[But parkour is, in truth, an adaptive movement concept; we shape our movement at any given moment to fit a given situation, which leads to infinite variability and endless application]**. Fonte: Parkour History: The (Re)Birth

of a Movement. Disponível em: <https://danedwardes.com/2022/05/31/situational-movement/>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 84 - **[Training outdoors floods your senses with a mass of information and stimuli you just don't receive in a controlled indoor setting]**. Fonte: Fonte:

Why You Should Take Your Training Outdoors, <https://danedwardes.com/2021/06/28/why-you-should-take-your-training-outdoors/>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 85 – **[Acesso alameda]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 86 – **[Acesso central]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 87 – **[Fachada lateral direita]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 88 – **[Alameda e pavilhão]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 89 – **[Relação entre o pavimento e o prédio]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 90 – **[Halls centrais]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 91 – **[Restaurante Cobertura]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 92 – **[Área livre Cobertura]**. Fonte: Autora, 2024.

Figura 93 – **[A água da chuva retorna por capilaridade, atuando como um lençol freático artificial]**. Fonte: Remaster. Disponível em: <https://www.remaster.com.br/tecgarden>.

Figura 94 – **[Caixa de inspeção com bóia de abastecimento]**. Fonte: Remaster. Disponível em: <https://www.remaster.com.br/tecgarden>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 95– **[Placas de piso elevado sobre pedestais de altura regulável e reservatório temporário de água]**. Fonte: Remaster. Disponível em: <https://www.remaster.com.br/tecgarden>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 96– **[Telhas termoacústicas]**. Fonte: Aecweb. Disponível em: <https://www.aecweb.com.br/especiais/grupoisorecort/materia/conheca-5-vantagens-das-telhas-termoacusticas-com-nucleo-em-eps/20667>. Acesso em: 02 mar. 2024.



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>21</b>
<b>1 O DEBATE</b>	<b>26</b>
[1.1] O CONCEITO DE VITALIDADE URBANA E AS PROBLEMÁTICAS DA CIDADE CONTEMPORÂNEA	28
[1.2] CULTURA CORPORAL DO MOVIMENTO	36
<b>2 O LUGAR</b>	<b>44</b>
[2.1] O BAIRRO DE SANTANA	46
[2.2] A ESCOLHA DO TERRENO	56
[2.3] PARÂMETROS LEGAIS	60
<b>3 REFERÊNCIAS PROJETUAIS</b>	<b>62</b>
[3.1] CIDADE DA MÚSICA - PARIS, FR   CHRISTIAN DE PORTZAMPARC	64
[3.2] PRAÇA DAS ARTES - SÃO PAULO, BR   BRASIL ARQUITETURA	68
[3.3] MARQUISE DO PARQUE IBIRAPUERA - SÃO PAULO, BR	72
<b>4 O PROJETO</b>	<b>76</b>
[4.1] NARRATIVA PROJETUAL	78
[PROGRAMA E ZONEAMENTO]	79
[IMPLANTAÇÃO E VOLUMETRIA]	81
[AGENCIAMENTO DO TERRENO]	84
[FACHADAS]	86
[MATERIALIDADE]	89
[4.2] PAVILHÃO E BLOCO DE SALAS	91
[PAVILHÃO]	91
[SEMI ENTERRADO]	98
[TÉRREO]	98
[1º AO 3º PAVIMENTO]	100
[COBERTURA]	101
[4.3] ASPECTOS GERAIS DO PROJETO	103
[SISTEMA CONSTRUTIVO]	103
[TECGARDEN]	103
[TELHA TERMOACÚSTICA]	105
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>106</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>108</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>112</b>



# INTRODUÇÃO

A vida caótica nos grandes centros é cenário para inúmeras discussões no urbanismo contemporâneo, principalmente no que diz respeito à usabilidade dos espaços coletivos. Pautada no medo da violência urbana e associada a um estilo de vida mais individual, o espaço privado se tornou protagonista das urbes, promovendo, ao longo do tempo, o esvaziamento das ruas, das praças e dos espaços urbanos públicos. Nessa condição, surge o conceito de vitalidade urbana, como centro desses debates. Por ela, pode-se compreender a vida efervescente da cidade traduzida através de pessoas. Gente. Pessoas nas calçadas, nos parques, nos recintos, no comércio de rua, comprando, se divertindo, praticando exercícios. É o dinamismo da vida urbana.

Durante muito tempo, a sociedade usava os espaços coletivos como palco para suas principais atividades - inclusive as mais cotidianas. O comércio, os cultos religiosos, o lazer e as práticas esportivas, por exemplo, eram praticados nas praças e nos parques públicos. No entanto, com o advento da Revolução Industrial, o incentivo ao carro e o desenvolvimento do urbanismo moderno, mudanças profundas foram observadas na forma como as pessoas vivenciam a cidade. A escala humana foi deixada de lado em detrimento da escala automobilística e a monofuncionalidade da cidade moderna diminuiu o dinamismo da mesma, dificultando a apropriação dos espaços urbanos.

Nesse contexto, os espaços coletivos foram distanciados da experiência urbana, principalmente por parte da população mais abastada que costuma realizar suas atividades em espaços privados, murados, devidamente “seguros” e longe das classes mais populares. Ainda assim, eles constituem lugares significativos na vida de qualquer cidadão e são

primordiais na manutenção da vitalidade urbana, sendo usados para diversas expressões culturais e inúmeras práticas esportivas, que vão desde as atividades clássicas circenses, até esportes mais modernos como o skate e o parkour.

Essas atividades podem ser entendidas como parte da cultura do movimento, conceito surgido na década de 90. Por ela, pode-se compreender a maneira como as pessoas se movem e se expressam através do seu corpo e como esse conjunto de práticas corporais, construídas historicamente pelo ser humano, são transmitidas socialmente.

Dessa maneira, elas se apresentam como um potencializador da vida urbana, uma vez que o lazer pode ser considerado uma dimensão da cultura e as experiências de lazer públicas, que acontecem em espaços abertos trazem de volta a vida necessária para tornar a cidade centro socioeconômico e político. Infelizmente, as problemáticas atuais relacionadas principalmente ao consumo de alimentos industrializados e ao sedentarismo refletem também na forma como as pessoas usam o corpo e os espaços públicos, podendo-se dizer que a cidade contemporânea se expressa na condição física do corpo passivo.

De acordo com Santurbano [2017, p. 91], a própria cidade restringe a liberdade de inconscientemente usarmos o nosso corpo como biologicamente foi preparado. Isso acarretou num processo de engessamento, lento, progressivo e gradual dos nossos movimentos que passam despercebidos. Para o mesmo: *“A não ser que você seja um praticante de parkour, na cidade não há liberdade física para se explorar a enorme gama de movimentos que o corpo humano pode realizar”*.

No Recife, a prática de atividades ligadas à cultura do movimento esbarra na falta de espaços públicos cobertos e com infraestrutura adequada. É possível notar que a extrema desigualdade social é diretamente refletida na qualidade dos seus espaços coletivos e na

forma como a população se apropria deles. Há na cidade, parques extremamente usados, como o parque da Jaqueira - apropriado pela classe alta - como também aqueles estigmatizados, como o parque Santana - que apesar de estar inserido num bairro abastado, é associado a violência urbana por ter uma ponte que conecta a outra margem do rio, mais pobre.

Localizado às margens do rio Capibaribe, numa área bastante residencial e com um importante apelo paisagístico, o entorno do parque de Santana, então, foi escolhido como área de intervenção para a proposta. Santana é um bairro da Zona Norte da cidade do Recife [PE] localizado na Região Político Administrativa III [RPA III]. Sua localização é considerada uma das mais privilegiadas da cidade, pela proximidade com parques e praças, boa oferta de comércio e serviço, além de boa infraestrutura.

Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo geral propor um centro de treinamento poliesportivo que conecte ao parque Santana e estimule a vitalidade urbana, através de uma arquitetura plurifuncional, reunindo diversos usos complementares ao lazer e ao esporte, de forma a incentivar e abrigar atividades ligadas à cultura corporal do movimento.

Já os objetivos específicos são: [i] compreender como a cultura corporal do movimento pode estimular a vitalidade nas cidades; [ii] elaborar anteprojeto de um edifício de uso misto para espaços ligados ao lazer e ao esporte e demais usos complementares, em especial espaços comerciais; [iii] conectar o novo conjunto ao parque, para melhorar as condições de infraestrutura voltadas para as atividades de lazer e esporte no entorno do parque Santana. Com a intenção de se debruçar neste debate e possibilitar uma melhor compreensão, o trabalho foi estruturado em quatro capítulos.

O **[primeiro capítulo]** traz um panorama teórico dos assuntos estudados para o desenvolvimento do projeto, como os debates sobre a cidade contemporânea e a vitalidade urbana, trazendo

conceitos estudados por Jan Gehl e Jane Jacobs. Além disso, busca trazer discussões acerca da cultura corporal do movimento - tema principal deste trabalho.

O **[segundo capítulo]** discorre sobre a área de estudo, realizando um diagnóstico da região onde o projeto será inserido. Nesse contexto, é apresentado um histórico da região, bem como mapas que auxiliam na leitura da área, como: vias, gabarito, usos. Além disso, nesse capítulo é apresentado um estudo legislativo para os parâmetros urbanísticos que o terreno se insere.

O **[terceiro capítulo]** expõe os projetos de referências utilizados como estudo de caso para o desenvolvimento do projeto. O primeiro estudo é o Cité de Musique, em Paris, do arquiteto Christian de Portzamparc; o segundo estudo é do escritório paulista Brasil Arquitetura: A praça das Artes e o terceiro é a Marquise do Ibirapuera, do arquiteto Oscar Niemeyer.

O **[quarto capítulo]** apresenta o projeto e todas as suas nuances. Tomando como base a narrativa projetual, este capítulo passa por uma explicação minuciosa dos detalhes e intenções projetuais, apresentando ao leitor todas as disciplinas que compõem a proposta.

Assim, sob a luz dessas discussões apresentadas acima e buscando questionar a produção de espaços coletivos atuais no Recife, que foi escolhido um terreno localizado no Bairro de Santana, próximo ao parque de mesmo nome para o desenvolvimento de um projeto que busca promover um espaço urbano heterogêneo, que amplifique a vitalidade urbana e promova um palco adaptador para o desenvolvimento das práticas de cultura corporal do movimento. Ao longo deste trabalho, entende-se a cidade como a reverberação do movimento e que ela pode ser cenário para o desenvolvimento das diversas expressões culturais e corporais.





[CAPÍTULO 01]

# O DEBATE

## [1.1]

### O CONCEITO DE VITALIDADE URBANA E AS PROBLEMÁTICAS DA CIDADE CONTEMPORÂNEA



[Figura 1] Vitalidade urbana nas cidades.

As problemáticas atuais dos grandes centros incentivaram o debate sobre a importância da vitalidade urbana na manutenção de uma cidade democrática e saudável. Historicamente, a cidade sempre foi palco de encontros, sendo os espaços livres protagonistas das interações sociais, desde conversas cotidianas e atividades rotineiras a grandes eventos. Nas sociedades tradicionais, a vida urbana era tomada de maior naturalidade e organicidade, no entanto, em meados do século XX, estimuladas pelos ideais modernistas, “a ligação entre convites e comportamento atingiu o ponto crítico para as cidades” [GEHL, 2010, p. 09]. As atividades sociais e o lazer nos locais públicos foram se tornando cada vez mais raros, produzindo espaços citadinos sem vitalidade.



[Figura 2] Cidade vazia, sem vida.

O conceito de vitalidade urbana é “complexo e multifacetado, uma vez que acontece a partir do diálogo entre diversos campos sociais, espaciais e econômicos de uma cidade” [SABOYA, 2016, online]. Para a biologia, vitalidade é compreendida como a reunião das funções vitais de um organismo, podendo ser interpretada como sinônimo de energia, dinamismo e vigor. Assim como no nosso corpo, no âmbito urbano a vitalidade é indispensável para o funcionamento de uma cidade em diferentes aspectos, pois é ela que mantém um organismo vivo e pulsante, e promove as diversas maneiras de vivenciar os espaços.

De forma geral, esse conceito se materializa através da vida nas ruas, nas praças e nos sítios públicos. É a efervescência dos centros comerciais, são as crianças brincando nos parques, as pessoas conversando e sentadas nas calçadas, o ir e vir cotidiano nas cidades. A grosso modo, um lugar com vitalidade é um lugar

com pessoas, movimento, atividades e apropriação das áreas coletivas. Segundo SABOYA [2016, online]:

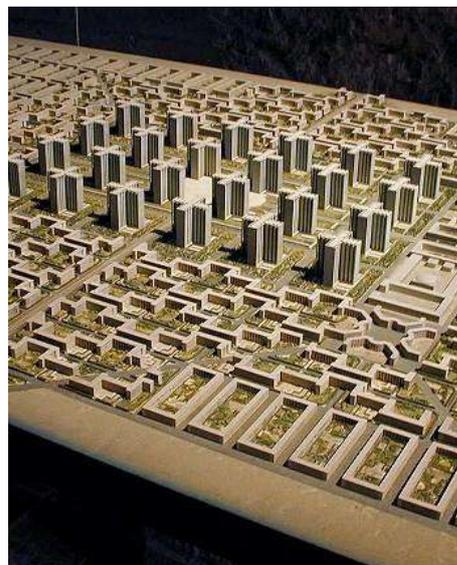
Em suma, a vitalidade urbana pode ser entendida como a alta intensidade, frequência e riqueza de apropriação do espaço público, bem como à interação deste com as atividades que acontecem dentro das edificações.

A busca pela vitalidade urbana é um tema recorrente nos debates acerca da *polis* contemporânea, que busca reparar os danos causados pela visão modernista que dominou o planejamento urbano durante o século XX, intensificando-se a partir da década de 1960. O urbanismo moderno, com seu viés industrial, deixou de lado a escala humana e favoreceu o automóvel, resultando, de acordo com Gehl [2010, p. 53], em *“metros quadrados em demasia e espaços grandes demais para visitantes de menos”*, por outro lado, *“Em locais onde as áreas construídas são em larga escala e espalhadas, não há, em geral, muito que experimentar. Para os sentidos mais ligados a sensações intensas e fortes, não há absolutamente nada.”*

As ideias modernistas foram impulsionadas pelas questões que envolveram o forte êxodo rural causado pela Revolução Industrial do século XIX. O inchaço dos grandes centros fez surgir bairros operários insalubres com graves problemas de infraestrutura, e provocou uma desordem na malha viária à medida que houve popularização dos automóveis. Nesse contexto, acumulou-se planos urbanísticos baseados em cidades dispersas, pouco densas, pontuadas por edifícios isolados e associados a noções de limpeza, higiene e velocidade. [Gonsales, 2005]

O urbanismo moderno foi pautado pela racionalização e simplificação das atividades básicas, zoneando a cidade em quatro eixos principais: habitar, trabalhar, recrear e circular, atestando por fim a divisão entre habitação e trabalho, muito comum na cidade tradicional. Essas zonas são organizadas de tal maneira que não há mistura de usos, tendo a habitação lugar de destaque, pautada na família tradicional [pai, mãe e filhos]. É a partir dessa conjuntura social que se desenvolvem grandes conjuntos habitacionais.

Como consequência desse tipo de urbanização mais dispersa nas cidades jardins e a valorização do uso do carro, as cidades modernistas se distanciaram da



**[Figura 3]** Ville Radieuse de Le Cobusier

escala humana, além de sofrerem com o esvaziamento das áreas centrais [já que boa parte dos projetos precisavam de grandes áreas livres e foram pensados para as margens da cidade] e com a destruição dos tecido mais tradicionais para o alargamento de vias e construção de vias expressas. Segundo Saboya [2016, online], o próprio Le Corbusier faz uma análise sobre a falta de densidade dessas cidades:

[...] é indispensável saber que essa mesma forma [casas individuais isoladas], utilizada nas cidades-jardins de grandes cidades, provocou, pela grande extensão das superfícies ocupadas, a própria desnaturalização do fenômeno urbano [...] [Le Corbusier *apud* Saboya, 2016, online]

Para Saboya [2016], mesmo numa região altamente densificada não é fácil garantir a apropriação do espaço urbano, uma vez que isso não é apenas uma questão quantitativa, mas também sobre a relação das pessoas com o espaço edificado. Espaços muito grandes dificilmente passam a impressão de estarem ocupados, mesmo estando lotados e facilmente são alvos de vandalismo, afastando ainda mais possíveis usuários e criando um ciclo vicioso, afetando diretamente a vitalidade nesses lugares. De acordo com, Gehl [2011, p. 85]:

[...] pessoas e atividades podem ser reunidas através da localização de edificações e usos do solo de forma que o sistema de espaços públicos seja tão compacto quanto possível e de maneira que as distâncias para o tráfego de pedestres e as experiências sensoriais sejam tão curtas quando possível. [*apud* Saboya, 2016, online]

Vale salientar que a existência dos espaços públicos por si só, não garante a existência de uma vitalidade na área e no seu entorno. Alcançar a dinâmica e a valorização de pessoas e atividades depende de alguns outros fatores que vão muito além de adicionar áreas verdes sem nenhum critério. Jane Jacobs, em seu livro “Morte e vida das grandes cidades” combate alguns mitos relacionados aos parques urbanos quando afirma que eles são “*direta e drasticamente afetados pela maneira como a vizinhança neles interfere*”, lutando contra a ideia de que estes transformam

“qualquer virtude inerente ao entorno” [Jacobs, 2001, p. 104]. Para Jacobs, as praças e parques de bairro devem ser criados em áreas com densidade suficiente para alimentá-los. Nesse contexto, ela acrescenta:

Mais Áreas Livres para quê? Para facilitar assaltos? Para haver mais vazios entre os prédios? Ou para as pessoas comuns usarem e usufruírem? [...]Os parques de bairro bem-sucedidos raramente têm a concorrência de outras áreas livres. Isso é compreensível, pois as pessoas da cidade, com seus interesses e deveres, dificilmente conseguem dar vida a uma quantidade ilimitada de parques locais de uso genérico [apud Saboya, 2016, online].

Apesar disso, cabe ressaltar a importância que os espaços públicos possuem na manutenção da vitalidade urbana. Naturalmente, esses lugares proporcionam encontros e abrigam uma diversidade de usos e atividades sociais, fatores primordiais para manter regiões com vida e dinamicidade. Gehl [2013, p. 28] aponta que “a gama de atividades e atores demonstra as oportunidades do espaço público de reforçar a sustentabilidade social”, destacando o caráter democrático deles quando diz que: “*todos os grupos sociais, independentemente da idade, renda, status, religião ou etnia, possam se encontrar nesses espaços, ao se deslocarem para suas atividades diárias.*” Sendo assim, são considerados espaços protagonistas na urbanidade.

Porém, não são apenas os espaços de caráter público os únicos colaboradores para a efervescência da vida nas cidades, a arquitetura e o edifício possuem um importante papel nessa tarefa. Nesse sentido, destaca-se a relevância da arquitetura plurifuncional, muito comum nas cidades tradicionais europeias, mas que foi deixada de lado em contraponto à figura do edifício monofuncional muito incentivado na arquitetura moderna. A arquitetura plurifuncional, representada por algumas tipologias, como: edifício misto, edifício passagem e edifício pátio, é pautada na ideia de diversificação dos usos - comércio e habitação, por exemplo - dentro do próprio edifício, sendo importante elemento de conexão com o contexto. Para Zeidler [1985, apud Moraes, 2016, p. 16], “o retorno à estrutura urbana tradicional não é um movimento retrógrado e sim uma forma de promover a vitalidade urbana e



**[Figura 4]** Parques com atividades reúne diferentes pessoas.

*valorizar a cidade enquanto organismo fragmentado, multifacetado e histórico”.*

Assim como o plurifuncionalismo na arquitetura, a diversificação de usos e o caminhar a pé são iniciativas importantes na promoção da vitalidade urbana. Nessa conjuntura, surge o conceito de cidade de 15 minutos, como mais uma tentativa do debate atual de promover a urbanidade nas cidades. Esse termo foi criado por Carlos Moreno [Universidade Paris, Sorbonne], cujo objetivo é criar cidades nas quais as principais atividades sejam feitas em poucos minutos, caminhando ou de bicicleta, proporcionando cidades mais na escala humana e sem o protagonismo do carro. Segundo o autor, esse conceito envolve três pontos fundamentais: o ritmo dos municípios deve ser o do homem e não o dos automóveis, cada metro quadrado deve servir para diversos usos e as áreas precisam ser projetadas para que os cidadãos possam morar, trabalhar e prosperar sem ter que fazer grandes e frequentes percursos.

Não me levam a mal, não almejo que as localidades virem aldeias rurais. Mas, precisamos tornar a vida urbana mais agradável, ágil, saudável e flexível. Para isso, temos que garantir que todos, habitem nas regiões centrais ou periféricas, tenham acesso aos principais serviços perto de suas casas. [Moreno, 2022, online]

Nessa conjuntura, ainda que a cidade moderna tenha uma gama de problemáticas - como explanadas acima - a cidade atual se depara com inúmeras adversidades, provenientes do rápido desenvolvimento da tecnologia e suas consequências nos diversos âmbitos, da extrema globalização e claro, da sociedade em que está inserida. Do ponto de vista das cidades, essa sociedade elitista e gradativamente mais individualista e segregadora rejeita as tentativas de diversificação de pessoas, como os edifícios misto - por exemplo, e ajuda a disseminar espaços que cada vez mais se fecham em si e excluem a relação com a rua, e portanto, com o coletivo. Segundo Caldeira [2000] esses lugares podem ser chamados de enclaves fortificados.

Nas últimas décadas, porém, tem-se observado uma série de transformações com a proliferação de enclaves fortificados [Caldeira, 2000] e uma tendência de 'fuga dos males da cidade' [Arantes, 2011], que vêm conformando um abandono cada vez maior dos espaços públicos e uma recusa

da convivência interclassista e da constituição de laços de sociabilidade baseados na alteridade. [apud AGUIAR, s.a, online]

Todos os tipos de enclaves fortificados partilham algumas características básicas. São propriedade privada para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente. São controlados por guardas armados e sistemas de segurança, que impõem as regras de inclusão e exclusão. São flexíveis: devido ao seu tamanho, às novas tecnologias de comunicação, organização do trabalho e aos sistemas de segurança, eles são espaços autônomos, independentes de seu entorno, que podem ser situados praticamente em qualquer lugar. [Caldeira, 2000, p. 258]



**[Figura 5]** Condomínios fechados em São Paulo

Esses tipos de tipologias enclausuradas, muito comum nas cidades contemporâneas, baseada na escala individualista e privatizada, excluem a apropriação dos espaços públicos e estimulam a perda de sociabilidade urbana. Segundo Rafael Aguiar [2018], alguns autores [Sennet, 1988; Caldeira, 2000; Duhau, 2001; Davis, 2009; Dammert, 2013] alertam para uma possível dissolução dos espaços públicos tradicionais, assim como aconteceu em outros momentos, já que há um aumento significativo na restrição dos lugares coletivos e da vida pública.

Dentro desse debate, é importante destacar que embora se pense que é a mesma coisa, segregação socioespacial e desigualdades urbanas são fenômenos diferentes [Ribeiro, 2016]. O processo de segregação socioespacial está relacionado às heterogeneidades de pessoas concentradas no espaço urbano, já a desigualdade refere-se às condições urbanas de consumo coletivo que são distribuídas de forma desigual nas cidades. Sobre isso, Bourdieu [2008] destaca:

Apesar de a segregação socioespacial ser uma expressão das desigualdades, a ideia de desigualdades deve ser sempre tratada numa perspectiva relacional, no sentido que um grupo ou camada social é o que é,

somente em relação aos outros grupos ou camadas sociais; pois nenhum grupo ou camada social se define em si mesmo. Portanto, para se definir de modo não apenas diferente, mas desigual, de outros grupos ou camadas sociais é preciso se distinguir. [apud Ribeiro, 2016, online]

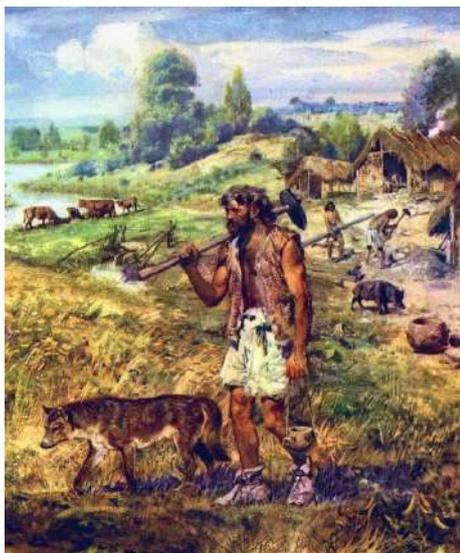
Outra problemática da cidade contemporânea é elucidada por Ermínia Maricato [2017] que dá o nome de “Melancolia na desigualdade urbana”. Segundo ela, as dificuldades das grandes cidades como, más condições de moradia, de mobilidade urbana, e a ausência de espaços públicos de lazer tem por consequência a diminuição da sociabilidade urbana, levando a um estado de melancolia coletiva, incentivada principalmente pelo crescimento desenfreado dos loteamentos fechados.

Essa melancolia social está associada a outro conceito trazido por Marc Augé [2005]: o de não lugares. Por eles, podemos entender um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer identidade, evidenciados, principalmente pela supermodernidade - termo usado pelo autor - pelos traços de solidão presentes nessa sociedade. Esses lugares, comuns na cidade contemporânea, são o enfoque dos espaços multifuncionais que abarcam diferentes coisas num mesmo lugar. Neles, há um incentivo ao consumo e ao excesso de publicidade, criando necessidades para as pessoas. Para Augé pode-se chamar de “não lugares”:

Mas, na medida em que o não lugar é o negativo do lugar, torna-se de fato necessário admitir que o desenvolvimento dos espaços da circulação, da comunicação e do consumo é um traço empírico pertinente da nossa contemporaneidade, que esses espaços são menos simbólicos do que codificados, assegurando neles toda uma sinalética e todo um conjunto de mensagens específicas [através de monitores, de vozes sintéticas] na circulação dos transeuntes e dos passageiros. [Augé, 2006, p. 115]

Diante disso, vale ressaltar que, como um reflexo da sociedade em que está inserida, as cidades atuais são adoecidas pela extrema desigualdade social, pelo desprezo ao coletivo e pela rapidez dos acontecimentos, que geram urbes com inúmeros espaços enclausurados, ruas sem vida e lugares de passagem que nada são atrativas para o pedestre.

Nesse sentido, os debates acerca dos problemas da cidade contemporânea são inúmeros e contínuos, e trazem elucidações relevantes para solucionar questões de vitalidade e dinamicidade urbana. Ademais, devem ser valorizadas as tentativas de pensar o espaço e estimular a sua ocupação, mantendo-o plural, seguro e atrativo, incentivando a apropriação dos lugares e sua preservação.



**[Figura 6]** Ilustração da Revolução Agrícola

Há mais de 6 milhões de anos, o estilo de vida dos nossos ancestrais exigia intensa movimentação e muitas habilidades corporais para garantir a sobrevivência, como: caçar, caminhar, saltar, lutar, lançar, pendurar, entre outros. Com a Revolução Agrícola ocorrida por volta de 10 mil anos atrás, houve o domínio do cultivo da terra e a domesticação dos animais, fazendo com que a necessidade de sair para a caça fosse muito menor. Outra mudança importante foi a sedentarização da população, que agora, não precisava mover-se em busca de alimento, o que diminuiu a incidência de grupos nômades e fez com que a demanda pelo movimento para exercer atividades essenciais diminuísse.

Paulatinamente a revolução agrícola foi se expandindo e atingiu diversos locais em todo o mundo, diminuindo muito a incidência de grupos nômades. Além da agricultura, estas sociedades ficaram conhecidas por dominarem também os animais. A domesticação de animais possibilitou uma reserva de caça, ainda que as práticas de caça continuassem acontecendo. Com domínio também dos animais, os humanos passaram a explorar também materiais dele provenientes como o couro e a lã. O sedentarismo, a agricultura e a domesticação de animais possibilitaram o armazenamento, prática até então impensável nos grupos nômades. Ao fixarem-se em um só local precisaram planejar o consumo e cuidar do plantio. Traçaram também relações com outros grupos, efetuando trocas culturais e comerciais. [Pinsky, 2011, online]

Em busca de conforto e bem-estar, ao longo dos anos, o homem foi desenvolvendo tecnologia que evitasse o uso da própria atividade física. Contudo, foi a partir da Revolução Industrial que se deram as maiores mudanças no estilo de vida das populações. Com o êxodo rural causado pelo rápido desenvolvimento das

fábricas, a agricultura passou a figurar em segundo plano, promovendo um aumento significativo do sedentarismo. Nesse cenário, ao mesmo tempo que a ocupação fabril exigia menos trabalho físico, havia intensa estimulação de movimentos repetitivos e exaustiva carga horária.

Igualmente nessa época, os alimentos ultraprocessados começaram a ser fabricados e consumidos em larga escala pela população em detrimento dos alimentos mais naturais. Dessa forma, houve uma forte redução na qualidade de vida geral, já que as pessoas deixaram de realizar trabalho físico, alimentavam-se mal e viviam em condições precárias. Essas mudanças causaram grandes impactos, trazendo prejuízos de caráter biológico, psicológico e social para a população.

Em paralelo a isso, a jornada de trabalho exaustiva imposta pelo sistema produtivo, fez surgir a necessidade de um tempo disponível para exercer “*atividades com um fim-em-si-mesmo*” e não relacionadas à atividade fabril, dando início a ideia do lazer [Giraldi, s.a, p. 02]. Nessa época, surgiu a prática de vários desportos e exercícios, cujo objetivo era a recreação, trazendo estímulo para movimentar o corpo.

Para Dumazedier (1976, p. 34), dentro de uma visão funcionalista, o lazer é parte da vida social e individual, em que a caracterização e as modalidades de expressão são principalmente definidas e determinadas por variáveis culturais e psicológicas. Entretanto, existem variáveis estruturais que condicionam certas formas de expressão de lazer, mas que não são consideradas como determinantes ou explicativas. Nesse caso, assume-se uma ruptura entre o ‘tempo imposto’ pelas obrigações produtivas e sociais e o ‘tempo livre’ para a satisfação íntima dos interesses pessoais. [apud Giraldi, s.a, p. 01]

Por consequência da popularização do lazer surgiram nas cidades lugares próprios para essas atividades, como ginásios, estádios, parques e etc. Tais exercícios eram de certa forma um momento de acúmulo de energia para o trabalho e daí o incentivo e a “escolha” por certos tipos de jogos que poderiam contribuir para edificar o corpo para produção. Na verdade, era uma expressão do enunciado de organização e



**[Figura 7]** Fotografia da Revolução Industrial



**[Figura 8]** Práticas esportivas realizadas no antigo Egito.



**[Figura 9]** Práticas esportivas ao ar livre.



**[Figura 10]** Práticas de tecido acrobático em parques da cidade.

disciplinamento dos corpos que foi se tornando dominante desde o século XIX. De acordo com Marques [2010], isso foi um ponto chave na apropriação dos espaços urbanos, já que até então, as práticas corporais populares dominavam a cena nos meios urbanos, nas ruas e com diferentes manifestações lúdicas baseadas principalmente nas atividades circenses.

Hoje, apesar dos estímulos para a prática de exercícios e de importantes avanços científicos e tecnológicos, em especial na saúde, vivenciamos os impactos negativos da falta do movimento e de uma dieta completamente diferente da que evoluímos para ter. Segundo Giraldi [s.a, p. 01], o conceito de lazer também foi adaptado aos novos tempos sendo compreendido como “*as atividades praticadas fora do tempo de subsistência (sejam as fisiológicas ou as de trabalho) e às quais podemos nos dedicar a atividades exigidas pelo livre arbítrio e que atendam a interesses pessoais.*”

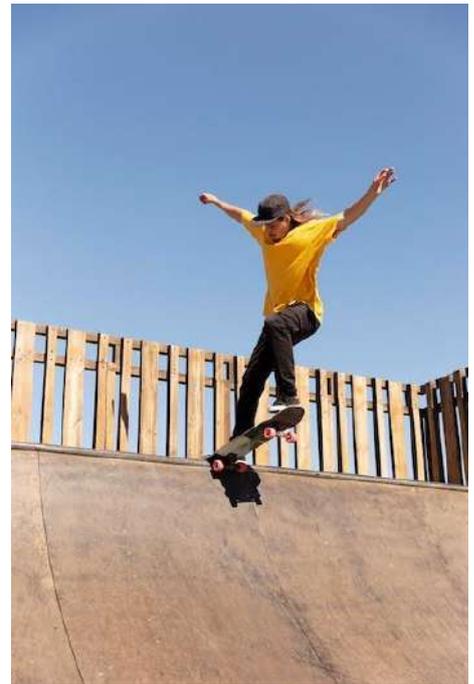
Essa ascensão da tecnologia fez com que, nos últimos anos, as atividades fossem feitas basicamente de frente para o computador, seja ela de trabalho ou lazer. Os efeitos pós-pandemia são ainda mais graves e conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], cerca de 47% dos brasileiros são sedentários. Já entre os jovens o número é maior e ainda mais alarmante: 84%. [IBGE, 2023, online]

Nesse contexto, destaca-se os debates trazidos pela educação física ao longo dos anos. Historicamente, essa disciplina se pautava pelo referencial das ciências naturais, tendo um olhar de aptidão física, havendo uma ênfase na ginástica e no fortalecimento corporal. Isso determinou a cristalização de uma série de categorias absolutas em relação às manifestações corporais humanas. Todas elas, sob o argumento de que corpos biologicamente semelhantes demandam intervenções também semelhantes ou padronizadas, acabando por empobrecer este componente curricular e a formação dos alunos.

A partir da década de 90, no entanto, as discussões sobre o tema deram outro olhar para ela. A perspectiva cultural traz para o primeiro plano os processos de significação do movimento humano, bem como as intencionalidades dos sujeitos que se movimentam e os sentidos que atribuem às suas práticas. Existe uma construção histórica de diversas práticas que são

realizadas com o corpo, que fazem parte da nossa cultura. Nesse sentido, o objeto dessa disciplina deixa de ser a aptidão física para ser a cultura corporal.

Esse termo “cultura do movimento” foi introduzido por Elenor Kunz (1991), professor da Universidade Federal de Santa Catarina, quando ele retornou da Alemanha, onde realizou seus estudos de doutorado. A proposta do professor Elenor Kunz (1991) ultrapassa a concepção de movimento humano reduzida a um fenômeno meramente físico, tido estritamente como um deslocamento do corpo no espaço, presente na visão de educação que o autor questiona. Ao considerar o ser humano que realiza o movimento, essa proposta passa a reconhecer as significações culturais e a intencionalidade do movimento humano. Para tanto, o autor problematiza a concepção mecanicista de corpo e de movimento, na qual o corpo está separado do mundo, buscando fundamentos na concepção fenomenológica de corpo e de movimento, ou seja, na ideia de que o ser humano é inseparável do mundo em que vive. [Mendes e Nóbrega, 2009, online]



**[Figura 11]** Práticas skate utilizam a cidade como palco.

De maneira geral, por cultura corporal do movimento pode-se entender todo o universo do movimento que envolve as diferentes culturas e as diversas manifestações destas nas sociedades. Ela se refere à maneira como as pessoas se movem e se expressam através do seu corpo e como esse conjunto de práticas corporais, construídas historicamente pelo ser humano são transmitidas socialmente. Isso pode ser influenciado por fatores culturais, sociais, psicológicos e biológicos, e pode variar de uma cultura para outra e até mesmo dentro de uma mesma cultura, fazendo parte dela os esportes, as ginásticas, os jogos, as lutas, mímicas, acrobacias, danças.

Do ponto de vista de cidade, ela sempre foi o palco para diversos exercícios e expressões culturais. Cultura e movimento são elementos intrínsecos à urbanidade e a forma como a sociedade se relaciona com ela, influencia na prática dessas atividades. Como dito, tradicionalmente, nos meios urbanos, essas diferentes manifestações tinham caráter lúdico e popular com ênfase nas práticas circenses. Elas traziam a ideia de uma concepção de mundo popular e a ambivalência característica da cultura comum da Idade Média e do

Renascimento. De uma cultura não oficial e de um território e datas próprias: a praça pública, a rua e os dias de festa. [Mendes e Nóbrega, 2009]

Para Sennett [*apud* Marques, 2010, p. 35)], no entanto, a construção da cidade contemporânea, baseada na segregação de espaço, na velocidade e na tecnologia “*pode ser expressa na condição física do corpo passivo*”, para o autor “*a tecnologia da locomoção moderna, automóveis e autoestradas transformou o espaço urbano em um mero local de passagem, levando o indivíduo moderno a um ‘crise tátil’*”. Esse tema é reforçado pela ideia de enclaves fortificados, que segundo Teresa Caldeira [*apud* Marques, 2010] estabelecem um novo padrão de segregação baseado no discurso de segurança afastando as pessoas das ruas, que agora dá lugar ao tráfego de automóveis.

Apesar disso, nos últimos anos, vem ganhando força as práticas inscritas dentro da ideia de “cultura de rua”. A rua que foi ameaçada de morte pelo modernismo retorna agora tanto como arena pública como uma categoria de resistência cultural. De fato, há uma mudança nos lazeres urbanos que atualmente são muito mais individualizados, como o skate, por exemplo. Agora o que se disputa é o uso do equipamento urbano como parte das possibilidades do corpo. A disciplina criou corpos dóceis, produtivos. Segundo Marques [2010, p. 51], “*para escrever uma história do corpo na sociedade de controle, deve-se, pois, ficar atento às táticas de usos da cidade que, nos últimos anos, vêm cada vez mais permeando o ambiente urbano*”.

Ao voltarmos nossos olhares para o Recife e falarmos sobre a cultura corporal do movimento, deve-se compreender cenários importantes. O primeiro está relacionado às problemáticas da cidade contemporânea. Como todo grande centro brasileiro, a cidade do Recife tem sofrido com esvaziamentos dos espaços públicos, onde vários fatores podem estar envolvidos no diagnóstico e contribuem para os problemas enfrentados diariamente na cidade. Eles englobam desde aspectos históricos, como a construção de uma esfera pública fragilizada que repercute até hoje na relação das pessoas com os espaços urbanos, até o culto ao individual sobre o coletivo, da ausência de convites às atividades opcionais e sociais e da crescente violência urbana.

A vida no espaço urbano tem um forte impacto na forma como percebemos o espaço. Uma rua sem vida é como um teatro vazio: algo deve estar errado com a produção, já que não há plateia. [Gehl, 2013, p. 62]

De forma particular, esse cenário talvez seja o último estágio para a consolidação da prevalência da dimensão privada sobre a pública. Recife, a cidade conhecida como Veneza brasileira, que tem como símbolo as diversas pontes, é formada por uma sociedade marcada pela desigualdade e exclusão social. A forma de apropriação dos espaços da cidade reflete a divisão entre as classes sociais, havendo total desconexão física e social dos bairros ao norte e ao sul do rio Capibaribe.

O sistema colonial do Brasil tem forte influência nessa construção, já que a dinâmica do espaço público é produto das relações culturais e sociais. A partir dele, a sociedade se construiu sobre uma base impregnada de valores patriarcais, estimulando cada vez mais a propagação de vontades particulares em detrimento das necessidades coletivas. O desfecho dessa sequência nada mais é que a constituição de uma esfera pública distorcida e fragilizada.

A cidade do Recife é um exemplo fiel dessa situação. Não há uma proposição numerosa de convite às atividades opcionais e sociais, carência essa agravada pela inexistência de qualidade e infraestrutura urbana suficiente - falta de mobiliário urbano, calçadas intransitáveis [com grande presença de obstáculos físicos e ocupadas pelo mercado informal dos ambulantes], poucas áreas de sombra e que ofereçam um mínimo de conforto ambiental para realização das atividades ou de caminhada, sistemas de limpeza urbana e saneamento básico deficientes, entre outros, o que leva esses ambientes a serem reconhecidos como áreas públicas “*não-civis*”, semelhante ao que alega o sociólogo Zygmunt Bauman. [apud Cerqueira, 2013]

Todavia, outro cenário que corre em paralelo é o do forte comprometimento cultural das pessoas com suas raízes. Historicamente, Recife sempre foi palco de movimentos com intenso apelo cultural e tem em sua história pioneiros acontecimentos com influência até os de hoje. Essa construção cultural, faz com que alguns grupos resistam aos problemas e utilizem a cidade como palco para diversas atividades, como: danças de



**[Figura 12]** Sede do Compaz Governador Eduardo Campos em Recife.



**[Figura 13]** Academia da Cidade em Recife.



**[Figura 14]** Bibliotecas Parque em Medellín na Colômbia.

frevô, break, parkour, kpop, atividades circenses. Um cenário comum na cidade, principalmente no centro, é ver grupos de jovens praticando essas atividades nos finais de semana. Associados a isso, políticas de incentivo ao movimento vêm sendo promovidas pela prefeitura, como: o aumento de ciclofaixas, academias da cidade e criação de Compaz [Centro Comunitário da Paz].

Segundo dados da prefeitura do Recife, o Programa Academia da Cidade realiza diversas atividades para promover a saúde física da população, dispondo de área para as atividades corporais [ginástica, danças, jogos e esportes], pista de caminhada e corrida, quadra poliesportiva, área com brinquedos para o lazer das crianças. As equipes também promovem iniciativas culturais para a comunidade, como blocos carnavalescos e festa de São João.

Por sua vez, em 2016 a cidade inaugurou o Compaz que, segundo a prefeitura, são equipamentos concebidos com foco na prevenção à violência, inclusão social e fortalecimento comunitário. Baseado na experiência colombiana das Bibliotecas Parques e também de outras fontes de espaços de cidadania, o Compaz possui quatro unidades e são conhecidos como "Fábricas de Cidadania", se destacando tanto pela estrutura, quanto pela quantidade dos serviços e atendimentos oferecidos, como: atividades educacionais [aula de reforço de Português e Matemática], atividade esportivas [futebol, Futsal, Natação, Hidroginástica, Hóquei, Ginástica, Treino Funcional, Badminton, Jiu jitsu, Judô, Aikido, Luta Olímpica, Capoeira, Taekwondo, Tênis, Handebol, Voleibol, Basquete, Natação para bebês], recreativa e de bem-estar [Yoga, Biodança, Danças Circulares, Atendimento psicológico e avaliação médica para usuários cadastrados].

É possível tomar como base alguns exemplos de projetos que usam o acesso à cultura, esportes e cidadania como uma ferramenta de combate à violência, principalmente entre jovens. O primeiro deles é em Medellín: as bibliotecas parques. Elas foram construídas com o objetivo de promover práticas educativas, culturais e sociais de seus bairros circundantes, funcionando como pontos de transformação e fortalecimento das comunidades e culturas locais. Ao todo, são nove Parques Biblioteca

construídos até hoje, localizados de forma a atender aos vários bairros e comunas de Medellín.

Já o segundo é uma experiência brasileira: o Poliesportivo Arena do Morro em Natal [RN]. O projeto está localizado na favela Mãe Luiza e foi desenvolvido pelo escritório francês Herzog & de Meuron que projetaram junto com o Centro Sócio Pastoral Nossa Senhora da Conceição em 2009. O projeto possui um ginásio, contendo uma quadra poliesportiva cercada por arquibancadas para 420 pessoas, salas multiuso para dança e educação, um terraço com vista para o mar, assim como vestiários e banheiros.

Ambos os exemplos incríveis de como o esporte pode influenciar de forma positiva no futuro dos jovens e como esses equipamentos podem ser uma forma arquitetônica de conversa com o entorno urbano. Na cidade do Recife, as iniciativas são válidas e merecem destaque, mas ainda se mostram insuficientes. As áreas mais pobres da cidade ainda carecem de realizações que promovam a melhoria dos espaços públicos e sua vitalidade urbana.

É possível perceber a importância da promoção dessas atividades, tanto para as pessoas - já que ajudam a promover saúde e bem-estar, numa sociedade onde o sedentarismo é incentivado - quanto do ponto de vista das cidades, já que elas contribuem na ocupação das ruas e na apropriação de espaços. Tudo isso colabora para resgatar o valor da vida urbana e para construir uma simbologia coletiva da cidade.



**[Figura 15]** Arena do Morro em Natal/RN.



[CAPÍTULO 02]

# O LUGAR

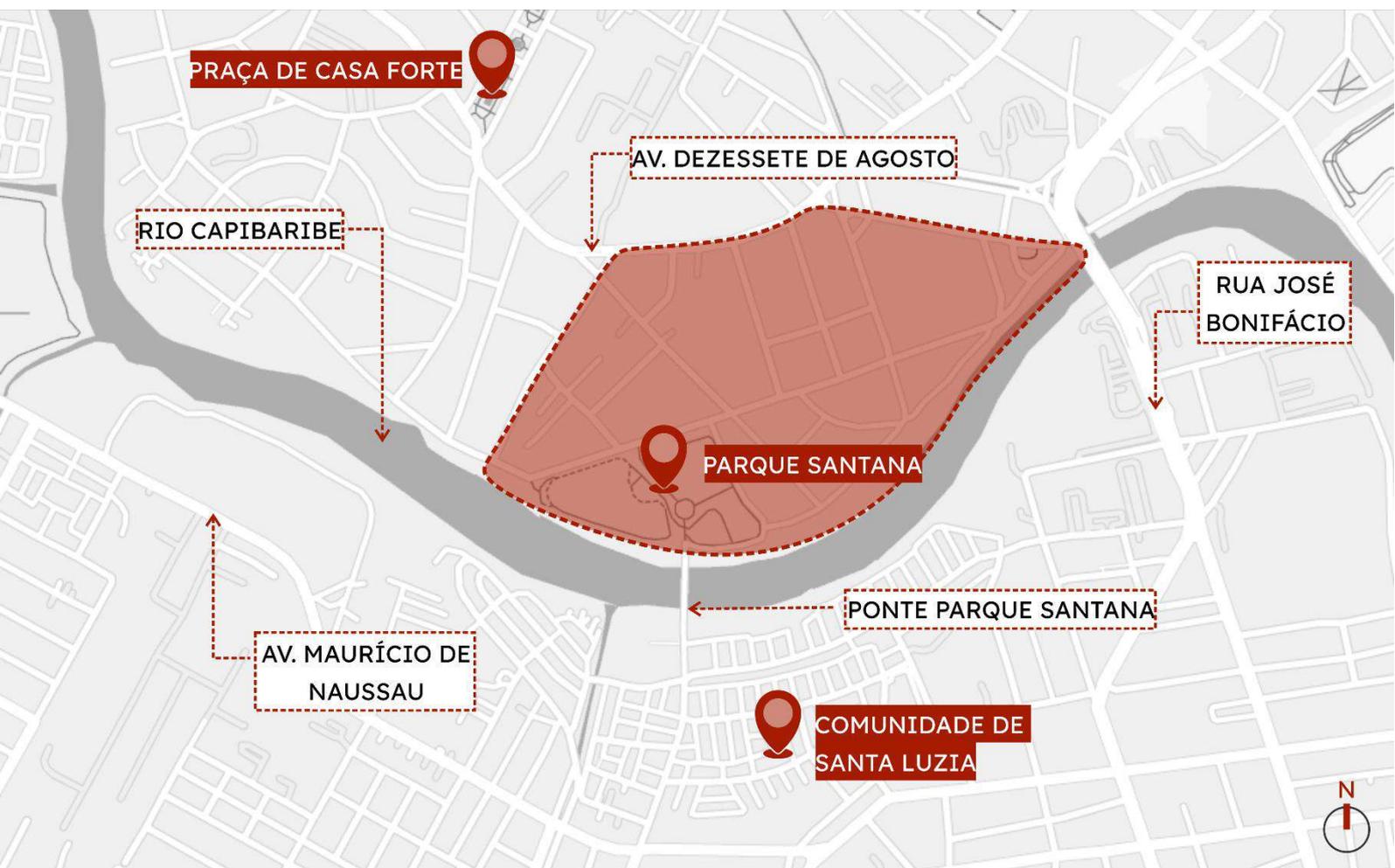
## [2.1]

### O BAIRRO DE SANTANA

Santana é um bairro da Zona Norte da cidade do Recife [PE] localizado na Região Político Administrativa III [RPA III]. Segundo dados disponíveis no site da prefeitura da cidade, sua área é de 47 hectares [0,47Km<sup>2</sup>] com uma população de aproximadamente 3.000 habitantes. Possui uma densidade demográfica de 6.383 hab/Km<sup>2</sup>, o que é compatível com a densidade da capital pernambucana [6.816,3 hab/km<sup>2</sup>]. Faz limite com os bairros do Poço da Panela [oeste], Parnamirim [leste], Jaqueira [sudeste] e Casa Forte [ao norte], além do Rio Capibaribe [ao sul].

Sua localização é considerada uma das mais privilegiadas do Recife, pela proximidade com parques e praças, boa oferta de comércio e serviço, além de boa

**[Mapa 01]** Mapa de localização do Bairro de Santana. Fonte: Autora.



CONTORNO DO BAIRRO DE SANTANA

infraestrutura. Por esse motivo, Santana possui um dos metros quadrados mais caros da cidade, com média de R\$8.333,00/m<sup>2</sup>, segundo dados do Agente Imóvel [2023]. Já o valor médio do rendimento nominal mensal dos domicílios [Prefeitura do Recife] é de R\$9.040,76, mais que o dobro da média da capital, que fica em torno de R\$3.530,00/domicílio, portanto considerado um bairro de alto padrão.

Historicamente, o bairro de Santana foi criado em meados do século XV, como parte do bairro de Casa Forte. Seu nome tem origem na igreja de Santa Ana que havia na região [Cavalcanti, 2014]. Assim como os bairros vizinhos, era utilizado como sede de importantes engenhos de açúcar da época que fazia o transporte do produto pelo Rio Capibaribe para o mercado do Recife [Queiroz, Paz, Nery, 2019]. Dessa forma, Santana, assim como Apipucos, Casa Forte, Parnamirim e Poço da Panela mantêm até hoje resquícios dessa época, principalmente em sua malha urbana, com a presença de grandes lotes, originários das grandes propriedades que existiam na área.

Durante muito tempo, em seu entorno encontrava-se enormes casarios coloniais. Com o início da expansão e ocupação da zona oeste da cidade, começou a se popularizar, no bairro do Poço, banhos de rio com fins medicinais e casas de veraneio começaram a ser construídas na área. Mas aos poucos essa lógica foi se perdendo e atualmente, poucas são as edificações que mantêm algum contato com o rio. Segundo Cavalcanti [2014, p. 218], *“a localidade que já foi importante freguesia era conhecida como “passo do fidalgo”, porque ali existia uma passagem pertencente ao fidalgo português Pedro Correia Silva, primeiro marido de Dona Anna Paes”*. De acordo com Alencar e Sá [2018, p. 166], o bairro Santana - assim como seu entorno - passou por um processo que resultou na urbanidade que se tem hoje.

No final do século XVIII com a expansão da cidade, foi se iniciando o desmembramento dos antigos engenhos os transformando, pouco a pouco, em chácaras, sítios e pomares ao longo do rio



**[Figura 16]** Vista do Bairro de Santana.



**[Figura 17]** Ilustração do Engenho Casa Forte, nas proximidades do Bairro de Santana.

Capibaribe. Os poucos engenhos que passaram por esta transformação estavam situados na margem esquerda do rio, pois a dificuldade de vias de acesso à outra margem retardou o processo de crescimento do povoado nesta margem, a da direita, que até então só se acessava por travessia de barcos pela margem esquerda, que já possuía estradas de terra. Assim, o rio Capibaribe tanto serviu de referência inicial no processo de expansão da cidade como também se impôs como limite para o crescimento da cidade até o final do século XVIII.



**[Figura 18]** Comunidade de Santa Luzia, no Bairro da Torre.

Por fazer limite com o Rio Capibaribe, o bairro possui uma ligação histórica com ele, notando-se algumas particularidades que se dão por essa relação. Percebe-se que toda a sua dinâmica, usos e fluxos priorizam a Avenida Dezesete de Agosto. Os comércios, as casas e a vida urbana se abrem para a Avenida. Nesse sentido, ao caminhar pelas suas ruas, o rio é uma grata surpresa, mas fica escondido e sem o protagonismo necessário.

No âmbito urbano, ele serve como um delimitador. A barreira física criada pelo corpo d'água também se expandiu para uma barreira social, sendo ele um relevante divisor entre a classe média alta e baixa na cidade do Recife, principalmente nas imediações do bairro. Por esse motivo, Santana desenvolveu-se excluindo a outra margem do rio, mais pobre, e até hoje qualquer tentativa de integração é vista com maus olhos pela população, que se sente ameaçada, do ponto de vista de violência urbana, principalmente pelos moradores da comunidade de Vila Santa Luzia - ocupação com vielas e ruas batidas, no bairro da Torre - que está imediatamente do outro lado do Rio.

Entre os séculos XVII e XVIII, a morfologia do rio Capibaribe direcionou o processo da ocupação da cidade, que foi realizado acompanhando as sinuosidades do rio, desde o porto em direção à ilha de Antônio Vaz, assim como no sentido Leste-Oeste da cidade, onde estavam localizados os engenhos de açúcar, nas “várzeas do Capibaribe”. Como destaca Castro [1948], a presença das águas definia os caminhos da expansão da cidade. [Alencar e Sá, 2018, p. 166]

Esse “esquecimento” do Capibaribe na região, está tentando ser mudado através do projeto Parque Capibaribe, que é uma colaboração do InCITI e UFPE com a prefeitura do Recife. O projeto propõe uma série de intervenções de parques lineares às margens do Rio buscando fazer a cidade voltar a olhar para ele e enxergá-lo como potencial paisagístico e de mobilidade urbana.

O parque do Baobá foi o primeiro espaço concretizado e, recentemente, o Parque das Graças e o espaço do Cais da Vila Vintém, oferecendo espaços de lazer passivo para a população, além de incentivar travessias, de forma a criar novas conexões entre as duas margens. O projeto Travessias Capibaribe, por exemplo, cria um novo eixo arborizado conectando os bairros de Santana, Torre e Jaqueira, de forma a subverter a lógica automobilística da cidade e oferecendo uma nova maneira de mobilidade voltada para os ciclistas e pedestres.

Vale ressaltar que as áreas que margeiam o Rio Capibaribe sempre foram alvo de discussões e controvérsias, principalmente nos anos 70. A partir desta década, vários planos foram elaborados para controlar a ocupação ao redor do corpo d’água. Além das obras de controle do rio, como construção de barragens e retificações de alguns trechos [com o intuito de resgatar os espaços próximos ao rio destruídos pelas inundações], diversos programas e projetos propostos pelos governos estadual e municipal foram elaborados. [Alencar e Sá, 2018]

Assim, a prefeitura da cidade retomou algumas obras que compõem o projeto Parque Capibaribe com o objetivo de trazer vitalidade urbana para suas margens, como o Parque do Baobá e o Parque das Graças, no entanto, a iniciativa se volta para a margem esquerda, ocupada pela classe média alta, o que gera críticas por parte dos urbanistas.

Nesse contexto, o Parque Santana apresenta-se como importante elemento de integração da cidade com o rio, pois boa parte da margem do Capibaribe que está



[Figura 19] Entrada do Parque Santana.



[Figura 20] Pista de cooper do Parque Santana.



**[Figura 21]** Ponte que liga o Parque Santana à comunidade de Santa Luzia.

nos limites de Santana é dentro do parque. Esse parque, oficialmente chamado de Parque Santana Ariano Suassuna, inicialmente, era parte do projeto Parque Capibaribe, de 1981, mas foi construído em 1984, logo após a construção do Parque da Jaqueira. Originalmente, contava com 26 mil metros quadrados de área. Em 2012, após a requalificação, foi expandido e hoje tem 63 mil metros quadrados. [Sá Carneiro, 2010]

Ele é caracterizado pelos seus equipamentos esportivos e limitação com o Rio Capibaribe, que apresenta em sua margem oposta ao parque, um cenário de favelas - como dito - de onde muitos habitantes se deslocam para usar a área como campo de pelada. Destaca-se que, em contraponto ao entorno da Praça de Casa Forte e da Jaqueira, o entorno do Parque Santana apresenta pouca vitalidade urbana. Assim como o Rio, o parque parece ser esquecido pela população, que concentra sua atenção nas outras áreas verdes.

Os parques mais problemáticos localizam-se exatamente nos locais onde as pessoas não passam e provavelmente nunca vão passar. Eles estão na mesma situação, comparativamente, que uma loja enorme num local comercialmente ruim. [Jacobs, 2001, p. 12]

O entorno dos parques afeta concretamente seu desempenho pois a variedade de usos dos edifícios propicia ao parque uma variedade de usuários que nele entram e dele saem em horários diferentes. Qualquer uso esmagadoramente predominante na vizinhança de um parque gera um uso limitante: o parque acaba ficando vazio por várias horas, devido ao número restrito de frequentadores potenciais. [Jacobs, 2001, p. 13]

A estigmatização da área talvez seja a principal razão da falta de frequentadores. A ponte para pedestres que conecta o parque a comunidade de Santa Luzia, gera conflitos socioeconômicos na área, ao ponto de sua localização ser “*considerada quintal das habitações de alta renda e espaço de recreação da população de baixa renda, que habita o outro lado do rio, no bairro*

*da Torre*” [Sá Carneiro e Mesquita *apud* Barros, 2019, p. 14].

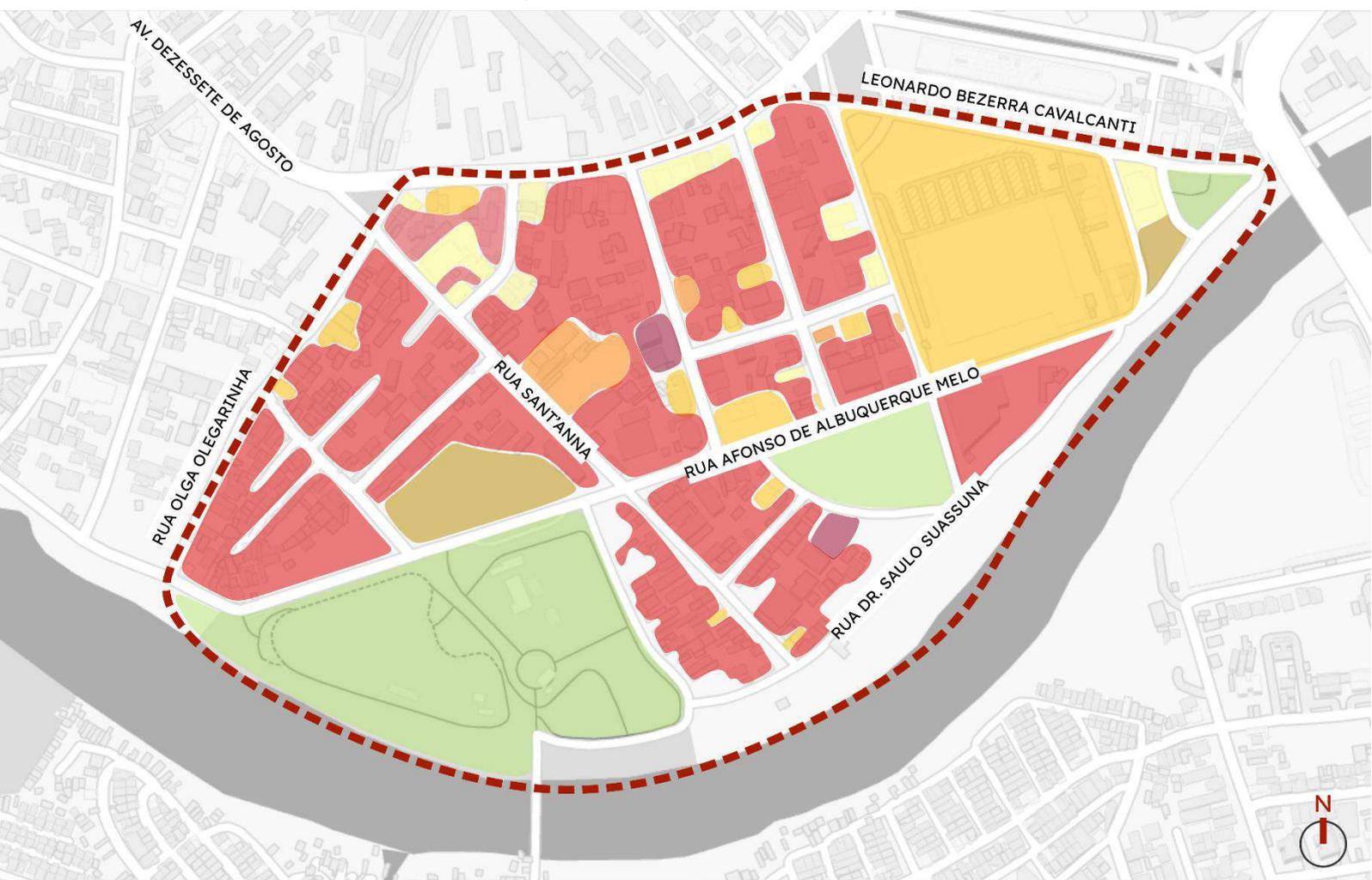
Além disso, a implementação de uma associação de amigos do parque não logrou êxito devido à falta de identidade entre os grupos sociais. Ao longo dos anos, o índice de criminalidade no local aumentou, proporcionando um ambiente de medo. A população de baixa renda que habita a margem oposta do rio Capibaribe, expressa certa indignação pela falta de interação na elaboração do projeto do parque.

Mesmo assim, o parque hoje é um dos espaços públicos favoritos para realização de grandes shows, eventos e festivais. Isto porque há uma área central construída para esta finalidade. Ele é composto por um campo de futebol, uma quadra de tênis, duas quadras poliesportivas; uma quadra de futsal; um parque para skate; uma pista de cooper; três parques infantis; duas academias populares de ginástica [Academia da cidade e Academia Recife]; ciclovias de 600m e 1 km; uma pista de bicicross de alto rendimento e um parque exclusivo para cachorros [ParCão].

Algumas iniciativas como feiras alimentícias e de artesanato - como uma feira de orgânicos e o evento Feira na Laje - e festivais de música - como o Festival de Jazz e Blues - ocorrem no parque. Entretanto, por terem caráter sazonal contribuem pouco com a vitalidade urbana diária do entorno. Nesse contexto, para um melhor diagnóstico urbano da área também foram realizados mapas que visam contribuir para um entendimento completo da região.

Pelo **[mapa de usos]** é possível perceber que a região é majoritariamente residencial, mas proporcionalmente bem servida de lazer e comércio. Nota-se, também, alguns espaços vazios e a presença de equipamentos que dão dinamismo à localidade, como: escolas [Colégio Eximius e Cognitivo] bares, restaurantes [Vaporetto container bar, Babylon Station, Beleléu Casa Forte, Paraxaxá, entre tantos outros] e o Parque Santana - equipamento mais relevante da região. Como área verde, além do lugar referido, o bairro conta com mais duas praças: a praça Everaldo Bidou Lambbe e a praça Compositor Antônio Maria. Além disso, nele encontra-se um dos maiores supermercados da cidade: o Big Bompreço de Casa Forte, que apesar do nome está no limite do bairro de Santana. Ainda nos seus arredores, é possível encontrar o Parque da Jaqueira - que atrai pessoas de toda a cidade - e a Praça de Casa Forte, além de praças de médio e pequeno porte, tornando a área bastante arborizada - valorizando ainda mais o entorno - e com intensa dinâmica de pessoas e usos e certa vitalidade urbana.

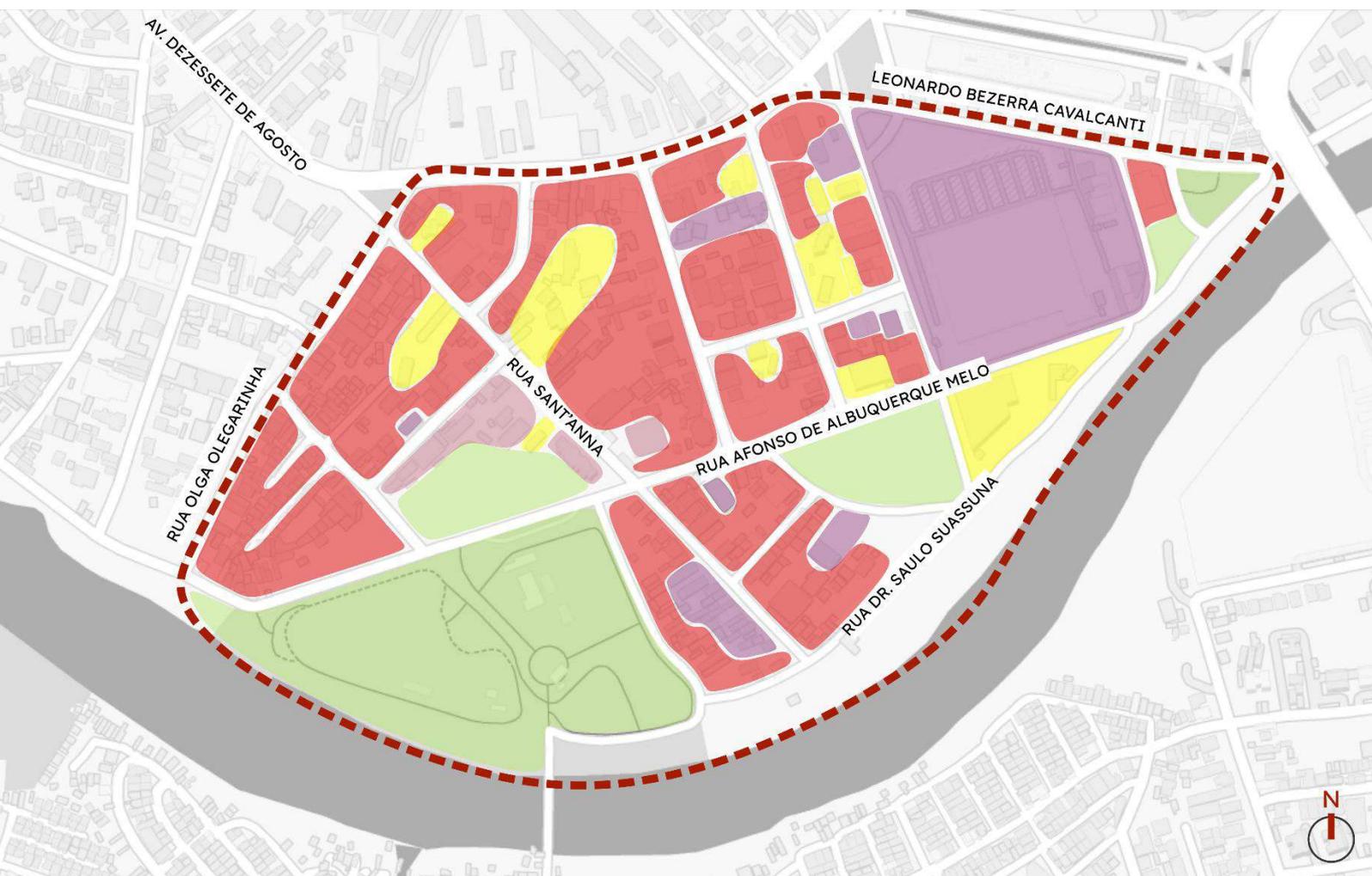
**[Mapa 02]** Mapa de Usos do Bairro de Santana. Fonte: Autora.



**PRAÇA** **RESIDENCIAL** **VAZIO/SEM USO** **SERVIÇO** **COMÉRCIO** **INSTITUCIONAL**

Já no [mapa de gabarito] pode-se notar a forte presença de edifícios multifamiliares com mais de 16 pavimentos, característica marcante dessa região da cidade que sofre com a intensa verticalização. Esse fenômeno é contrário do que se vê nas margens opostas do Rio Capibaribe [trechos dos bairros da Torre e Cordeiro], onde a horizontalidade é predominante. Isso é bastante representativo, já que mostra a diferença de ocupação entre a classe alta, em Santana e nos seus bairros vizinhos, e as classes mais baixas, que estão do outro lado do Rio, colocando-o como uma barreira física e social.

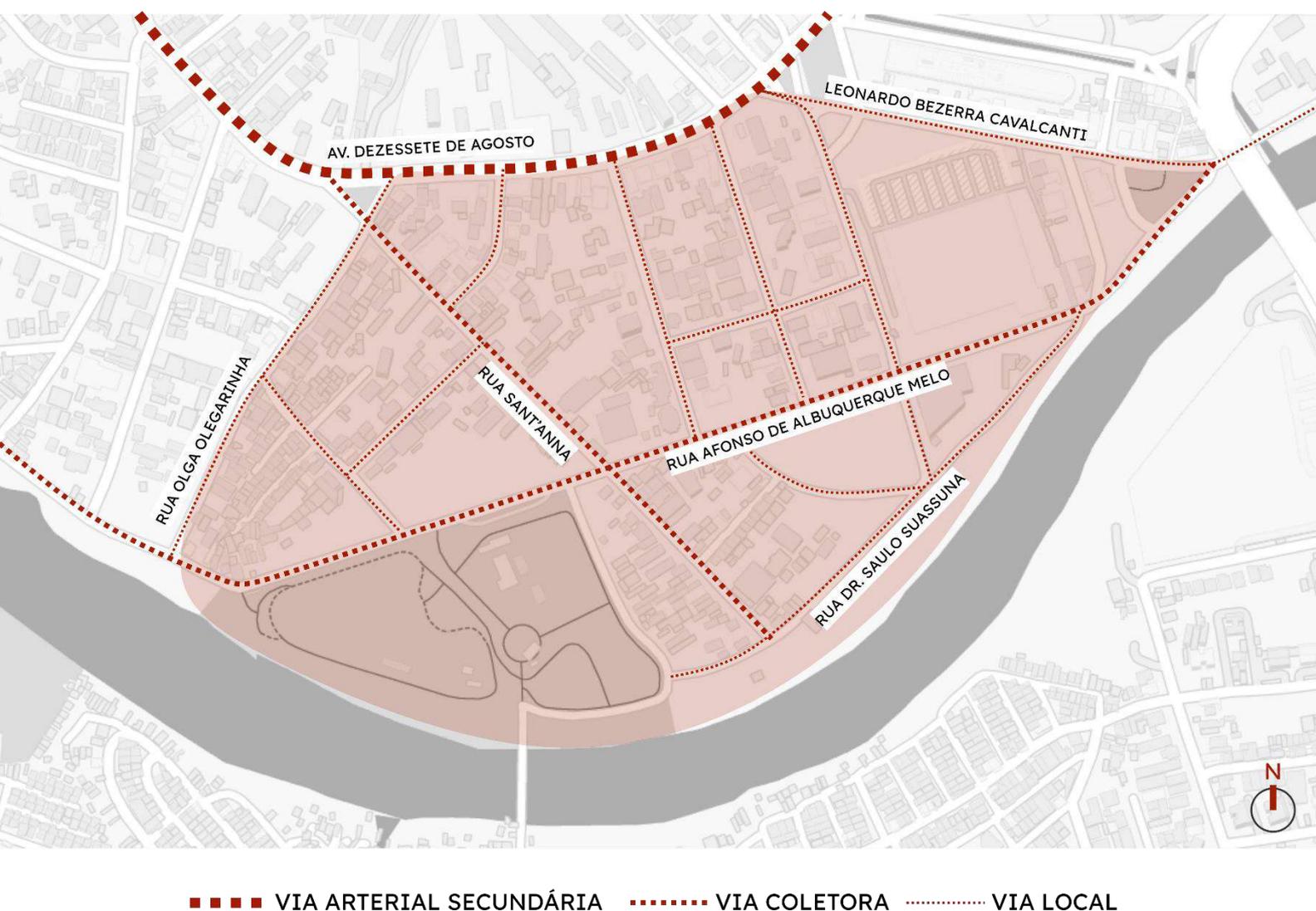
[Mapa 02] Mapa de Gabarito do Bairro de Santana. Fonte: Autora.



SEM CONSTRUÇÃO    ATÉ 2 PAVIMENTOS    2 ATÉ 10 PAVIMENTOS    + 10 PAVIMENTOS

Quanto ao [mapa de vias], observa-se que a região não possui ruas de alto fluxo, exceto pela Avenida Dezesete de Agosto, seu limite ao norte com Casa Forte. É nesse logradouro principal que há mais tráfego de carros, pessoas, transporte público e que o bairro se conecta com importantes vias da cidade, como a Avenida Agamenon Magalhães [a oeste] e com a BR 101 [a leste]. O restante das vias pode ser caracterizado como locais e, portanto, de baixo fluxo, destacando-se a Rua Sant'Anna. Esta se mostra relevante por ligar a Dezesete de Agosto ao Parque Santana, localizando-se nela residências de alto padrão, colégio e ainda a antiga sede UBE [União Brasileira de Escritores], hoje abandonada. Além disso, é relevante destacar que no Parque Santana existe uma ponte de pedestres que corta o Rio Capibaribe e faz a ligação entre as duas margens, contribuindo para a integração entre as duas áreas. Pela ponte Emocy Krause, apesar de ser destinada para pedestres e ciclistas, também passam motos, trazendo um fluxo considerável de pessoas.

[Mapa 04] Mapa de vias do Bairro de Santana. Fonte: Autora.



Assim, é possível notar que o bairro de Santana com todo seu charme, vias arborizadas e locais escondidos é um verdadeiro recanto no contexto de cidade rápida e caótica que é o Recife. Em suas imediações, se percebe a calma de um bairro residencial, com uma ambiência agradável que chama para o caminhar. Andando pelo bairro é possível notar surpresas, que quebram a monotonia, normalmente presente em bairros residenciais, descobrindo-se parques, rios e até pontes.



**[Figura 22, 23, 24, 25]** Parque de Santana.

A importância da vitalidade urbana e sua necessidade para a cidade são inquestionáveis. Como visto no capítulo anterior, as cidades contemporâneas sofrem com suas problemáticas ligadas, principalmente, a individualização da sociedade e a apologia a violência urbana que segrega e afasta as pessoas das ruas, que se escondem por trás de muros altos de grandes condomínios fechados e a cidade no Recife, é um puro exemplo dessa narrativa.

Como é sabido, o lugar em que uma edificação de lazer se insere, como é a proposta deste trabalho, é fundamental para seu funcionamento e manutenção. Por esse motivo, o terreno escolhido levou em consideração alguns fatores, como: **[01] A inserção na malha urbana** - já que para trazer pessoas é necessário que elas estejam perto; **[02] As dimensões e uso do lote** - uma vez que o uso proposto necessita de um lote grande e subutilizado.

Dessa forma, o terreno escolhido está localizado em frente ao Parque Santana, na rua Jorge Gomes de Sá esquina com a rua Sant'Anna - que faz ligação direta com Dezesete de Agosto - via de alto fluxo da região. Atualmente, pertence ao CPRH e encontra-se vazio, funcionando como estacionamento privativo e local para festas fechadas, eventualmente. Nesse contexto, caracteriza-se com uma gleba de potencial paisagístico pela proximidade com o parque e o Rio Capibaribe e urbano pelo tamanho e localização - no meio da cidade.

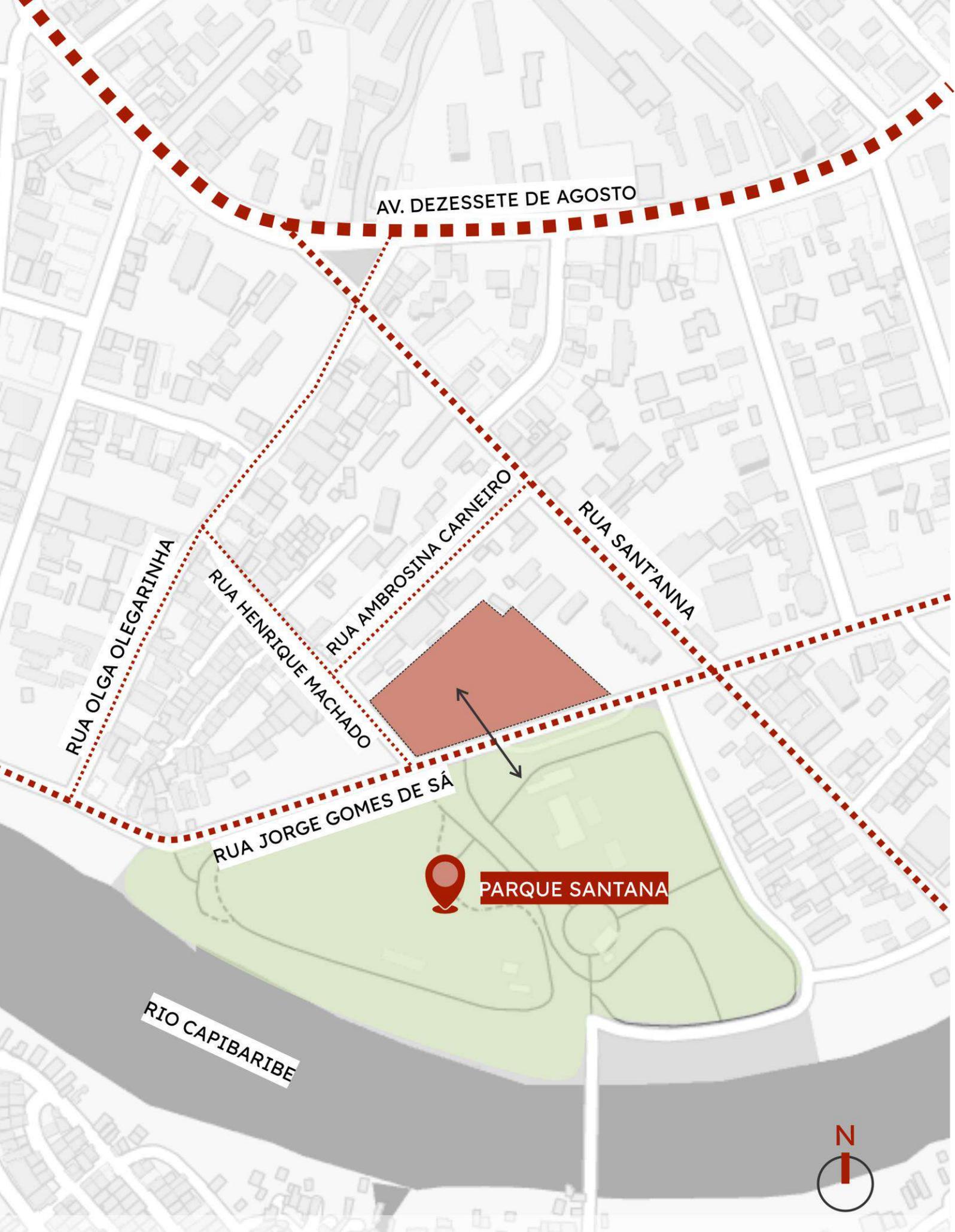
Por esse motivo, a proposta nesse terreno encontra-se numa localização privilegiada e busca aproveitar a oportunidade de integração entre a cidade e o entorno do parque, já que ele representa um importante ponto de área verde e interação na cidade do Recife. Além disso, por estar situado em uma região bastante

adensada é possível trazer uso para a área, sem deixá-la como estoque imobiliário.

O lugar mostra-se como um importante ponto de integração para a cidade, já que bem próximo dele, no Parque Santana, há uma ponte de interligação com o outro lado do Rio. Além disso, recentemente, a obra da nova ponte Engenheiro Jaime Gusmão, está sendo retomada e irá conectar os bairros da Iputinga e Cordeiro, criando um eixo viário e reforçando a conexão entre as margens do Rio Capibaribe.

Associado a isso, como elencado no capítulo 01, a sociedade moderna vem sofrendo com os altos índices de sedentarismo e falta de exercícios físicos, o que gera uma necessidade de incentivo ao movimento corporal. Nesse contexto, é importante salientar que muitas práticas esportivas e exercícios estão diretamente ligadas à cultura e manifestações populares, o que leva a ideia de cultura corporal do movimento, trazida para essa proposta.

Nesse contexto, o presente trabalho busca elaborar uma proposta de uso diversificado que busca servir de palco para as práticas esportivas e culturais, visto que se pretende ativar o terreno através da criação de atrativos para as pessoas do entorno frequentarem. Dessa forma, propõe o uso comercial em associação ao de serviços, através de salas de aula destinadas a atividades esportivas, oferecendo abrigo para atividades indoor, de forma a complementar o uso do parque Santana.



AV. DEZESSETE DE AGOSTO

RUA OLGA OLEGARINHA

RUA HENRIQUE MACHADO

RUA AMBROSINA CARNEIRO

RUA SANT'ANNA

RUA JORGE GOMES DE SÁ

PARQUE SANTANA

RIO CAPIBARIBE



■ ■ ■ ■  
VIA ARTERIAL  
SECUNDÁRIA

.....  
VIA COLETORA

.....  
VIA LOCAL

← [581] →  
CONEXÃO

■ ■ ■ ■  
ÁREA DE  
INTERVENÇÃO



**[Figuras 26, 27, 28 e 29]** Imagens do terreno.

O terreno escolhido está submetido a Lei dos Doze Bairros (Nº 16.719/2001), sancionada em 30 de novembro de 2001 e abrange os bairros de Derby, Espinheiro, Graças, Aflitos, Jaqueira, Parnamirim, Santana, Casa Forte, Poço da panela, Monteiro, Apipucos e parte do bairro Tamarineira. Essa lei configura-se como resposta ao crescimento desproporcional que se deu na década de 90, quando o mercado imobiliário viu nessa área um grande potencial para a verticalização e intensificou esse processo desconsiderando a capacidade das estruturas urbanas e alterando a paisagem local.

Essa lei divide a área abrangente em 3 setores cujo adensamento deve ser compatível com as características físicas e ambientais. São eles: Setor Reestruturação 01 (SR1), Setor Reestruturação 02 (SR2) e Setor Reestruturação 03 (SR3). O terreno onde a proposta será implantada pertence a SRU3 e de acordo com a lei “*configura-se como área que margeia o Rio Capibaribe e apresenta tipologia predominantemente unifamiliar, requerendo parâmetros urbanísticos capazes de conservar elementos singulares ainda existentes em termos de sua paisagem*”. Os principais objetivos dessa área são: requalificar o espaço coletivo, permitir a convivência de usos múltiplos no território ARU, condicionar o uso e a ocupação do solo à oferta de infraestrutura instalada à tipologia arquitetônica e a paisagem urbana existente.

A tabela a seguir ilustra os parâmetros urbanísticos ao qual estão submetidos os projetos que foram aprovados a partir da data de aprovação desta lei. Uma vez que a proposta será elaborada após a lei, a proposta deverá seguir os seguintes parâmetros:

Categoria de dimensionamento das vias	Gabarito (metros lineares)	Afastamento iniciais mínimos (AF)*			SRU 03**	
		Frontal***	Lateral e Fundos		TSN	μ
			Edf. ≤ 2 pav.	Ed.> 2 pav.	(%)	
A	≤60	7,00	nulo/1,50	3,00	60	2,00
B	≤48	7,00	nulo/1,50	3,00	60	2,00
C	≤24	7,00	nulo/1,50	3,00	60	2,00

\*O afastamento frontal inicial para as edificações com até dois pavimentos é de 5 (cinco) metros, independente da categoria de dimensionamento da via.

\*\*No SRU3, independentemente da Categoria de dimensionamento da via, só serão permitidas edificações com até 24m (vinte e quatro metros) de gabarito máximo.

\*\*\*Na avenida Beira Rio (projetada), Conselheiro Rosa e Silva, Rui Barbosa, Parnamirim, 17 de agosto, Estrada do Encanamento e Estrada do Arraial, o afastamento frontal não poderá ser inferior a 8 (oitos) metros.



[CAPÍTULO 03]

# REFERÊNCIAS PROJETUAIS

## [3.1]

### CIDADE DA MÚSICA - PARIS, FR | CHRISTIAN DE PORTZAMPARC



[Figura 30] Entrada da Cité da La Musique.



[Figura 31] Detalhe do pórtico de entrada.

O conjunto conhecido como "Cité de la Musique" [Cidade da Música] foi projetado por Christian de Portzamparc e inaugurado em 1995 na cidade de Paris. Localizado no famoso Parque de La Villette, é um dos maiores parques da capital francesa, considerado um dos destinos prediletos de quem vai a Paris pela sua versatilidade e variedade de atrações.

A ideia principal para o projeto era centralizar em um único complexo o Conservatório de Paris e o Museu de Instrumentos Musicais. O objetivo era criar um grande complexo da música que reunisse as diversas atividades que envolvessem o mundo da música, como: sala de concertos e ensaios, espaços para educação musical, stands de divulgação local para eventos públicos - tanto para dar suporte a profissionais como para incentivar atividades musicais na população. Nesse sentido, o projeto é formado por dois prédios, onde um funciona o Conservatório Nacional e um outro - ainda não construído - um auditório para 3 mil lugares.

O arquiteto buscou projetar a "cidade dos sonhos" com o design principal inspirado em uma concha, onde as ruas internas se desenvolvem em curvas e encaracoladas, numa espécie de labirinto interno [músicos dizem que leva 15 dias para orientar-se dentro dele], promovendo um espaço que fosse convidativo para encontros e que pudesse ser referência na cidade. Dessa forma, ele priorizou grandes espaços de circulação para que os alunos pudessem se reunir livremente e grandes aberturas para as passagens que buscam uma conversa com o externo, permeabilidade e generosidade com o espaço aberto. A ideia é deixar as ruas transparentes em contraposição aos volumes opacos e trazer um pouco da rua para dentro do

complexo, dando aos corredores aparência de rua, numa alusão à “*arquitetura para ser percorrida*”. [Castro, 2022, online]

O projeto se desenvolve a partir da Rua Musicale que serve como porta de entrada para a Cidade da Música, onde todas as ruas se encontram. Para ela se abre diferentes salas como: salas de concerto, o museu e seu anfiteatro, biblioteca, salas de ensaio e áreas reservadas para a administração. O compositor e maestro Pierre Boulez enfatizou a dimensão musical com estas palavras: “*O que eu gosto sobre a Cidade da Música, é que à medida que nos afastamos, tudo muda. Na verdade, ele é comparável a música*”. Segundo o arquiteto, a ideia está em associar arquitetura e movimento:

Eu vejo arquitetura como um convite à vida, isto é, o movimento. Não que se mova arquitetura, ou necessariamente desestabilizador, mas o homem se move. Eu não vejo isso como um nível estático, continua como as faixas. Arquitetura, como a música, é percebida no tempo e de acordo com as sequências, e continua a ideia que dá o ritmo ao espaço, a prática do que alguns chamam de arte de montagem...” [apud Wikiarquitectura, s.a, online]

A rua Musicale se desenvolve em espiral em torno do auditório com forma elíptica e ela dá acesso a outros lugares, numa geometria triangular. Coberta de vidro, possui uma boa acústica e tem o som voltado para o parque. Os dois auditórios projetados são de excepcional qualidade: o menor, em forma de anfiteatro assimétrico, é construído à volta de um órgão barroco; o outro, de forma elíptica, constitui o centro de gravidade da Cidade da Música. De acordo com Castro [2022, online]: “*Sua arquitetura sóbria e despojada integra todos os dispositivos necessários para se obter uma acústica qualificada como perfeita*



**[Figura 32]** Entrada da Rua Musicale.



**[Figura 33]** Rua Musicale.

*pelos melhores profissionais*". Já segundo François Chaslin:

Percorrendo essa cidade musical, descobrem-se momentos esplêndidos e verdadeiramente encantadores; outros equivocados ou aparentemente inacabados que, de resto, se perdem na abundância de intenções, na profusão de prazeres, na generosidade das sensações físicas que nos são prodigalizadas. Mesmo se algumas vezes aparecem algumas dissonâncias fortuitas, se certas notas não soam bem afinadas, a impressão de conjunto é eufórica e sinfônica. Pode-se, acerca dessa obra, escapar da banalidade de ver sua arquitetura como de natureza musical? Que importa, a coisa está dita. [*apud* Arquitetura viva, s.a, online]

Assim, é possível perceber que a importância desse projeto como estudo de caso está além de sua estética arquitetônica de forma isolada, mas na generosidade do prédio com o entorno e na integração com a cidade, mostrando em termos práticos como um edifício pode melhorar a urbanidade e contribuir para ativação da vitalidade urbana.



**[Figura 34]** Entrada do Cite de La Musique.



**[Figura 35]** Implantação da Cite de La Musique.

**PRAÇA DAS ARTES - SÃO PAULO, BR | BRASIL  
ARQUITETURA**

**[Figura 36]** Entrada da Praça das Artes – São Paulo.



**[Figura 37]** Esquema ilustrando a implantação do projeto.

A Praça das Artes é um projeto fruto de uma parceria entre dois escritórios bastante renomados no país: o Brasil Arquitetura e o Marcos Cartum Arquitetos Associados. Localizado no centro de São Paulo e inaugurado em 2012, o projeto tinha como objetivo dar suporte aos artistas que se apresentavam no Teatro Municipal - situado em frente ao local - que não tinha espaço para ensaios. Portanto, o objetivo foi conceber um local dedicado à produção e difusão artística, abrigando diferentes instituições culturais e fomentando a cultura na região central da cidade.

Cercado de edificações históricas, de suma importância para identidade local, além de dar suporte ao Teatro Municipal, o projeto foi pensado para englobar o antigo Conservatório Dramático Musical de São Paulo - um marco arquitetônico do lugar. Esse prédio data de 1886 e abrigava uma rara sala de recitais, que há décadas estava inutilizada. Ao longo de muitos anos, foi palco de concertos, cassinos, saraus, encontros literários e até eventos particulares.

De forma geral, o projeto é composto por dois edifícios interligados por uma praça central, onde funciona a Escola de Música do Estado de São Paulo, a Escola de Dança de São Paulo e a Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo. Atualmente, a Praça das Artes passou a ser um local de grande efervescência cultural, consolidando-se como ponto de encontro e um local de referência para o cenário artístico de São Paulo, oferecendo uma programação diversificada e atividades artísticas abertas ao público geral, como: concertos, recitais, espetáculos de dança e exposições, além de atividades educacionais. Em seu programa

inclui-se: salas de administração, escolas, auditório, discoteca, restaurante, sala de concertos e ballet.

A praça das artes é um projeto desafiante, principalmente pelo tamanho do programa e pela limitação de terreno. Mas, a solução dada pelos arquitetos o fez se tornar icônico - não porque seu volume se destaca em meio a um grande espaço público, mas pela imponência do projeto mesmo diante do pequeno espaço e da sua conversa com o entorno. É interessante destacar que o projeto consegue abraçar as edificações pré-existentes, das quais ele não busca ofuscar, inserindo-se perfeitamente no centro da cidade. A sua implantação desempenha um papel importante na requalificação da área, historicamente abandonada e cria um complexo repleto de usos e atividades que trazem vitalidade e pessoas para uma área bastante degradada.

Se, por um lado, o projeto deve responder à demanda de um programa de diversos novos usos ligados às artes musicais e do corpo, deve também responder de maneira clara e transformadora a uma situação física e espacial preexistente, com vida intensa e com uma vizinhança fortemente presente. Mais ainda, deverá criar novos espaços de convivência a partir da geografia urbana, da história local e dos valores contemporâneos da vida pública. [Archdaily, 2013, online]

O grande trunfo do projeto é que ele se acomoda em uma situação urbana adversa, fazendo com os arquitetos analisarem a natureza do lugar como partido para o projeto, algo fundamental na hora de projetar, afinal, todo edifício isolado é parte integrante da cidade e pode contribuir com ela de certa forma. Como diz Siza, “*compreender o lugar não somente como objeto físico, mas como espaço de tensão, de conflitos de interesses, de subutilização ou mesmo abandono, tudo importa*” [apud Archdaily, 2013, online]. E assim faz o projeto, criando novos espaços de convivência a partir da geografia urbana, da história local e dos valores contemporâneos da vida pública.



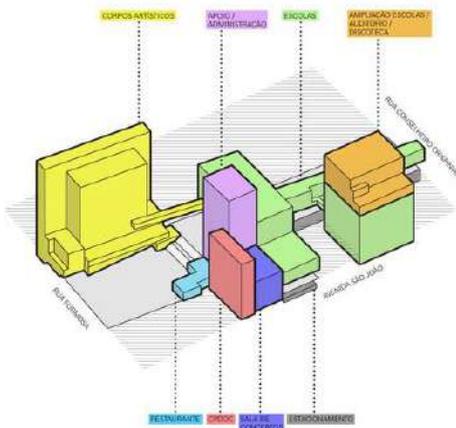
[Figura 38] Praça interna do projeto.



[Figura 39] Praça interna do projeto.



**[Figura 40]** Visão externa da Praça das Artes.



**[Figura 41]** Esquema de zoneamento do projeto.

Do ponto de vista arquitetônico, o projeto também chama atenção para o grande vão que interliga as três ruas da região. O espaço facilita a locomoção e oferece à população a oportunidade de interagir com um ambiente tranquilo em meio ao caos do centro da cidade e cheio de arte. Em seu interior, mistura a madeira, o concreto bruto e materiais coloridos, que remetem ao clima artístico do local. O concreto escolhido como protagonista, além de dar personalidade à obra, possibilita grandes vãos, exigindo pouca manutenção.

No projeto também é usada janelas de vidro, bastante marcante para quem passa por ele. Elas são organizadas de vários tamanhos e distribuídas de forma irregular pelos edifícios, oferecendo uma ótima iluminação zenital e deixando o projeto mais leve e menos opressivo, permitindo que os alunos tenham um contato constante com o lado de fora [e vice e versa]. O vidro também aparece com destaque na Praça das Artes, como na cobertura da escadaria externa.

Dessa forma, o projeto é um excelente exemplo de intervenção em sítio histórico, onde percebe-se a coerência com o entorno, sem deixar de fazer uma arquitetura contemporânea imponente e significativa, que de fato represente o nosso tempo e que não ofusque a arquitetura tradicional. Os elementos, a forma e os materiais são pensados de forma coletiva e generosa com a cidade representando um marco para a região, tanto do ponto de vista arquitetônico, como urbano, de integração e sociabilidade com a cidade.



**[Figura 42]** Vista de uma das entradas da Praça das Artes.



**[Figura 43]** Vista interna do complexo.

## [3.3]

### MARQUISE DO PARQUE IBIRAPUERA - SÃO PAULO, BR



[Figura 45] Apropriação da marquise.



[Figura 46] Vista da marquise vazia.

O Parque Ibirapuera, localizado na cidade de São Paulo, é considerado o mais importante espaço verde da capital e segundo dados da Folha de São Paulo [2017] possui em média 14,4 milhões de visitantes por ano, sendo reconhecido como o parque urbano mais visitado da América Latina. Ele possui uma área de aproximadamente 1,5 milhões de metros quadrados, conformado por estratégicos eixos viários paulistanos, como a Avenida Pedro Álvares Cabral, Avenida Vinte e Três de Maio, Avenida Quarto Centenário e Avenida República do Líbano.

O parque é um marco da arquitetura moderna brasileira, criado para a comemoração dos quatrocentos anos da cidade, em 1954. A comissão idealizadora do projeto, composta por representantes dos poderes público e privado, propuseram fazer do parque um símbolo da cidade, servindo como importante chave cultural e de lazer, abrigando um conjunto de edifícios com atividades artísticas.

O projeto é do renomado arquiteto Oscar Niemeyer e tem como partido a criação de uma grande marquise orgânica que liga o complexo de edifícios formado pelo Palácio das Indústrias, hoje o edifício da Bienal, o Pavilhão de Exposições Governador Lucas Nogueira Garcez, conhecido como “Oca”, os Palácios das Nações e dos Estados, o Museu de Arte Moderna [não previsto no projeto original], e, apenas muito recentemente, apesar de previsto no projeto original, um grande auditório.

Ao longo dos anos, o parque, situado numa zona nobre da cidade, tornou-se bastante popular entre os moradores - escassos de áreas verdes. Durante esse

processo, a grande marquise se destaca por ter sido apropriada pelas massas mais populares, que normalmente cruzam a cidade em busca de lazer e esporte de forma gratuita. Nesse sentido, o Parque do Ibirapuera se transformou em um dos poucos espaços livres e coletivos de São Paulo. Segundo Grossman [2023, online]:

[...] a Marquise é a verdadeira ágora do parque e, potencialmente, da cidade como um todo. Sob a laje, reúnem-se os mais diversos representantes de uma das mais ricas culturas urbanas nacionais: pessoas de diferentes classes, gêneros, etnias, credos e faixas etárias, entre as quais uma forte presença jovem.

A marquise, feita em concreto, possui seiscentos metros de comprimento, cuja dimensões horizontais variam de seis metros, nas extremidades, a 75 metros na parte central. Essas dimensões a tornam um grande espaço público coberto que ganhou vida própria e deixou de ser apenas uma passagem entre os edifícios. Ela permite uma série de atividades coletivas, sendo amplamente apropriada pela população para diversos usos. Com aproximadamente 27 mil metros quadrados, a extensão sinuosa revela a importância das áreas livres e edificadas, possibilitando área sombreada em meio aos pilotis circulares, originalmente pintados de cinza, mimetizando-se com a sombra, e conseqüentemente parecendo fazer flutuar a cobertura. Para Paulo Mendes da Rocha:

Veja o exemplo do Parque Ibirapuera, a importância da sabedoria, o tino de Niemeyer. Oscar é uma figura extraordinária, a quem nós deveríamos amparar historicamente. Quando foi chamado pelo Ciccillo Matarazzo para projetar o parque, não havia uma cartilha, não se aprendia na escola. Ele criou grandes edifícios propícios a exposições e unidos por uma marquise. Ao invés de a população se dispersar pelo parque, se concentraria naquele lugar. Oscar teve a clarividência de perceber que uma cidade como esta, o centro industrial da América



**[Figura 47]** Vista da marquise.



**[Figura 48]** Vista aérea da Marquise.

Latina, só poderia ter um futuro brilhante.  
[Pereira, s.a, online]

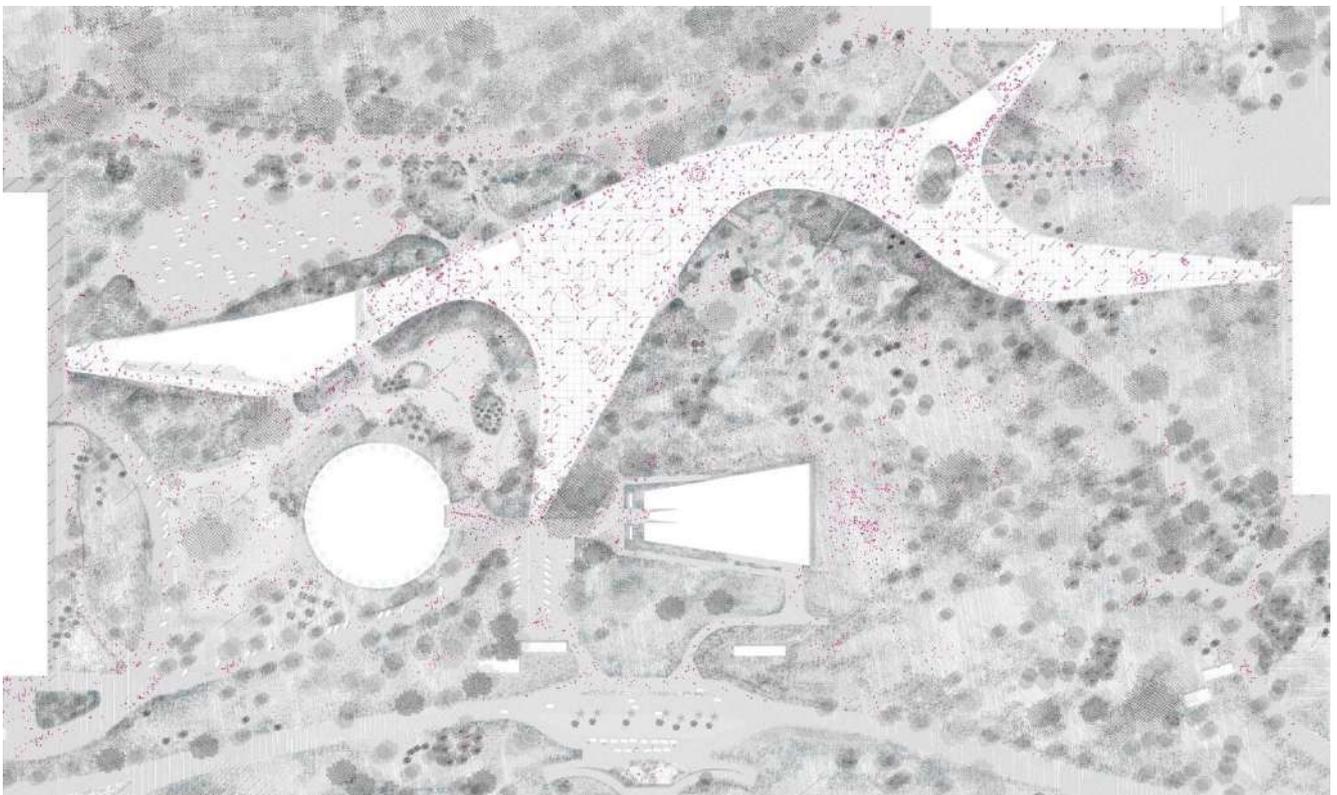
O projeto torna-se grandioso não apenas pelos seus aspectos físicos, mas pela sua simbólica representação. A Marquise cria uma atmosfera coletiva de troca, representando com singularidade a urbanidade paulista e a heterogeneidade de sua população. Sobretudo no final de semana, ela se torna palco de diversos encontros e manifestações. Segundo Grossman [2023, online]:

[...] não portando sunga e biquíni, como em uma praia de verdade, mas trazendo os mais diversos aparatos comerciais, culturais e esportivos urbanos. A Marquise é o lar de vendedores ambulantes; patinadores; skatistas e ciclistas, tanto iniciantes quanto profissionais; idosos; jogos infantis; shows não programados de hip hop, funk, capoeira, zouk e outras danças e apresentações artísticas; congregações de jovens adolescentes do “metal”, gente da cena queer e outros movimentos urbanos, bem como não humanos, incluindo animais de estimação e um incontável número de pombos. Lá, a cultura popular urbana encontra aquela que é supostamente considerada erudita ou oficial, quando seus frequentadores mais comuns esbarram em um público especializado que ali comparece para as inúmeras exposições realizadas nos pavilhões ligados pela Marquise. Todos os fins de semana e feriados, a Marquise se transforma em uma grande sala de estar.

Diante disso, o projeto da Marquise é um excelente exemplo da necessidade de espaços urbanos cobertos, propícios ao encontro, principalmente num país tropical. Não é necessário apenas espaços livres com árvores, mas espaços sombreados públicos que permitam a prática de atividade esportivas e culturais em qualquer momento e em qualquer horário. Como infraestrutura urbana, o parque oferece diversas possibilidades de uso, entretanto, o diferencial do espaço é o que ele representa para a população, um lugar de muitas possibilidades.



**[Figura 49]** Marquise do Ibirapuera por Oscar Niemeyer.



**[Figura 50]** Implantação da Marquise no terreno.



[CAPÍTULO 04]

# O PROJETO

Vivenciar a cidade, ocupar as ruas, usar as praças, andar de bicicleta, praticar esportes ao ar livre são atividades que deveriam ser corriqueiras para qualquer cidadão. No entanto, muitas vezes, a realização dessas atividades esbarra na falta de espaços propícios para tal. Em Recife, o medo da violência e a desigualdade social constituem barreiras que limitam as experiências de lazer e cultura nos espaços públicos, deixando essas atividades a cargo dos espaços privados. A escassez de espaços públicos sombreados dificulta a prática da cultura corporal do movimento, mostrando que a cidade não pode ser vivenciada de forma igualitária entre os seus moradores.

O Centro do Movimento é um projeto arquitetônico experimental e especulativo que se utiliza de um espaço com grande potencial paisagístico, urbano e social, e que está inserido na malha urbana da cidade, para intervir na área de borda do Rio Capibaribe - diversas vezes esquecida e marginalizada, extrapolando o caráter recreativo presente na sua preexistência. Com isso, pretende-se um lugar voltado para a cultura do movimento e, através dele, criar um ambiente de grande sombra que celebre a heterogeneidade das pessoas e de suas expressões artísticas.

Nesse sentido, é proposto, um pavilhão público que cria um grande espaço coberto - raro na estrutura da cidade - e um complexo de **44 módulos [8x10m]**, que suportam em média um total de 500 pessoas ao mesmo tempo, praticando diversas modalidades da cultura corporal do movimento. Essas salas poderão funcionar de forma independente, podendo ser reservadas por diversos grupos de forma gratuita e

funcionando como uma extensão das atividades desenvolvidas no parque.

A ideia é que tanto o pavilhão quanto o bloco de salas sejam de responsabilidade da administração pública, podendo se integrar a programas como o da Academia da Cidade. O complexo oferece melhor infraestrutura para a população, principalmente nos períodos de chuva, e pode funcionar também como sede de organizações e grupos ligados à cultura do movimento (Associação Pernambucana de Parkour, grupos de capoeira, de danças, acrobacias aérea e de movimento livre), fortalecendo as iniciativas espontâneas da sociedade civil.

Nesse contexto, a ideia é que o terreno seja uma verdadeira gentileza urbana e que o pavilhão seja o grande protagonista da intervenção, sendo porta de entrada para o bloco de salas e que essas estruturas alimentem ainda mais o trânsito de pessoas entre as margens do rio, que acontece através do Parque Santana.

## **[PROGRAMA E ZONEAMENTO]**

A partir da observação dos usos espontâneos de alguns espaços públicos da cidade, como o Parque da Jaqueira, Parque Santana, Parque das Graças e o vão livre do Cais do Sertão, foram determinados alguns tipos específicos de salas voltadas para o movimento. As salas seguem a modulação dos pórticos, ocupando geralmente um módulo que pode se adaptar de acordo com a necessidade de cada uso.

Como um espaço voltado à cultura do movimento, o programa se organizou a partir de atividades relacionadas à prática de esportes e saúde. Para o pavilhão, foi pensado em exercícios que necessitam de grandes espaços e que podem ser praticadas ao ar livre, como: skate, parkour, patins, danças e movimentos livres. A ideia principal, é que no pavilhão, diversas atividades possam acontecer ao mesmo tempo, celebrando a diversidade que todo espaço público deve ter e se comportando como um

verdadeiro encontro da heterogeneidade de pessoas e práticas.

Já para o bloco de salas, foram reservadas atividades que devem ser desenvolvidas internamente. Nesse sentido, eles foram distribuídos de uma forma que o térreo pudesse abarcar esportes mais urbanos, com atividades para todas as idades, crianças, adultos e idosos. Para o hall principal, foram destinadas lojas de alimentação que pudessem dar suporte tanto para as salas, quanto para as pessoas que estão no pavilhão, como: cafeteria, sorveteria/açaí, alimentos à granel e suplementos. Para a esquina da quadra, foi pensado em serviços complementares, como: oficina de bicicleta e loja de artigos esportivos. Ainda no térreo, pensa-se em salas de dança urbana que podem ser break, kpop, frevo, por exemplo, além de uma sala de acrobacia aérea e parkour que se estende por 2 pavimentos (pois necessita de altura para a prática de modalidades como tecido acrobático, lira e trapézio).

Por sua vez, no primeiro pavimento, foi destinada uma academia (com 2 andares), sala de reunião e administração, além de uma sala maior para apresentações ou ensaios, que contempla uma arquibancada. Para o segundo pavimento foi pensado em salas de teatro e salas de luta, como: jiu-jitsu, muay thai e capoeira. Por fim, no terceiro pavimento, foram reservadas atividades com foco na saúde, como: sala de pilates, yoga e salas para fisioterapeutas, além de dois ateliês de arte. Na cobertura, abre-se um grande terraço verde para contemplar a vista para o rio e o parque, com o apoio de restaurantes.

### **Térreo**

- 1 oficina de bicicletas
- 2 lojas de artigos esportivos
- 3 salas de danças
- 1 Cafeteria
- 1 Sorveteria
- 1 empório de artigos a granel
- 1 loja de suplementos
- 1 sala de acrobacia aérea e parkour indoor

## **1º pavimento**

- 1 academia
- 1 sala de apresentações
- 2 salas administrativas

## **2º pavimento**

- 2 salas de teatro
- 1 hall (espaço de convivência com quiosque de café)
- 1 sala de jiu-jitsu
- 1 sala de muay-thai
- 1 sala de capoeira

## **3º pavimento**

- 2 ateliês de arte
- 1 sala de pilates
- 1 sala de fisioterapia
- 1 hall (espaço polivalente que pode, por exemplo, abrigar workshops de yoga)
- 2 salas de yoga

## **[IMPLANTAÇÃO E VOLUMETRIA]**

Como observa-se nos esquemas de implantação, a forma do terreno foi guia para percepção das linhas de força do espaço. Nesse sentido, a esquina sempre foi um ponto focal importante, servindo de partido para os primeiros traços. Até chegar na implantação e na volumetria oficial foram feitos alguns estudos que propunham um único edifício em “L” com pátio verde no centro do terreno, um edifício único com pátio verde interno, e por último, a proposta com 2 blocos separados.

Para chegar na implantação atual foi pensado em diversos aspectos que compõem os primeiros traços de um projeto, como: orientação solar, eixos do terreno, formato da quadra, vias principais e paisagens. Para isso, foi pensando em localizar o pavilhão margeando a via principal do terreno, posicionando-o na frente do terreno devido à sua importância e potencial de gerar conexão com a calçada e o parque, de maneira a convidar os pedestres a adentrar no terreno.

O objetivo é que ele se comporte como a porta de entrada, além de criar uma grande esplanada coberta e sombreada que conecta com o parque logo à frente. No volume geral, ele ganha ares de uma grande marquise, onde se desenvolve diversas atividades de caráter público. O objetivo dessa composição é criar uma verdadeira praça coberta, onde as pessoas possam caminhar livremente, praticar esportes e socializar. Seu formato segue os eixos do terreno e, portanto, possui uma forma poligonal.

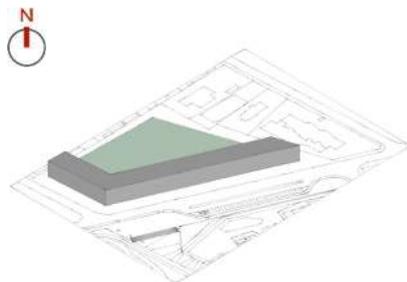
O pavilhão e o bloco de salas se conectam através da alameda e jardins. Esta alameda oferece fluidez entre os dois blocos. Apesar de ser principalmente um elemento de circulação e conexão entre os blocos, também convida o pedestre a se debruçar no corrimão e apreciar a movimentação, tanto nas salas de dança do bloco de trás, quanto as atividades mais livres do pavilhão, devido às suas dimensões generosas e jardins integrados.

O bloco de salas foi alocado na parte mais longilínea no terreno, para comportar a maior quantidade de ambientes e gerar densidade para o projeto. Além disso, em busca de uma boa orientação solar, ele foi pensado para se abrir para o lado sudeste, sendo contemplado também com a vista para o pavilhão e para o Parque Santana. A circulação do prédio foi colocada para a fachada traseira, enquanto as salas de movimento, estão todas voltadas para a fachada sudeste, se beneficiando da ventilação natural e com vista para a alameda, o pavilhão e o parque.

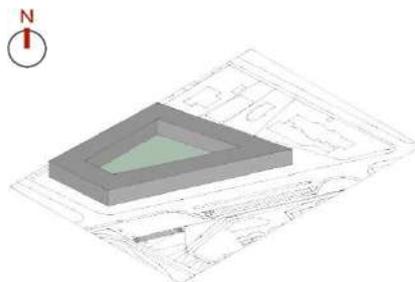
Do ponto de vista volumétrico, segue uma forma mais ortogonal e purista. Seu formato retangular respeita as características do terreno e permite que ele pouse no espaço como parte integrante do todo. Para quebrar a horizontalidade da composição, buscou-se dar destaque, no fundo, para o bloco da escada e dos banheiros, que através da altura ganha realce.



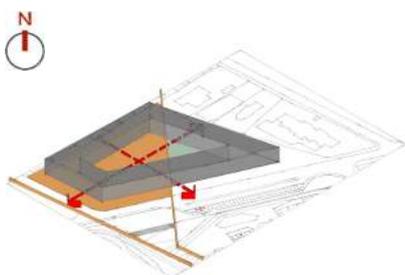
**[Figura 51]** Situação atual do terreno [vazio urbano].



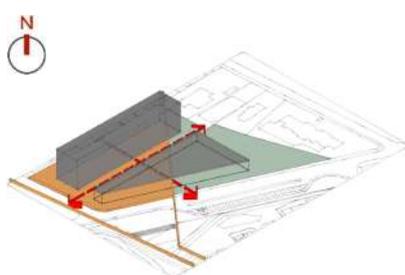
**[Figura 52]** Volume primário de implantação do edifício com forma em "L" e pátio com área verde no centro.



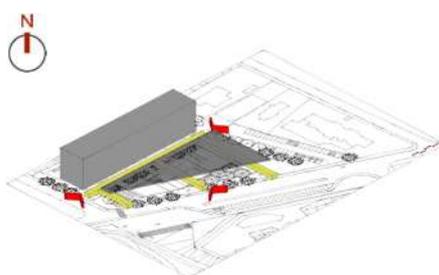
**[Figura 53]** Volume mais fechado com pátio verde central.



**[Figura 54]** Identificação de linhas de força a partir da entrada do Parque Santana e delimitação dos eixos principais de acessos.



**[Figura 55]** Decomposição do volume em 02 blocos e suspensão do bloco do pavilhão para criação do térreo livre e grande sombra.



**[Figura 56]** Criação da alameda, servindo como elemento conector entre os blocos e com a calçada, atraindo os pedestres para o interior do lote.



**[Figura 57]** Tanto o bloco de salas quanto o pavilhão seguem a mesma modulação de estrutura e, assim como a alameda, gera conexão entre os dois blocos; redução e simplificação da laje do pavilhão através da estrutura dos pergolados, gerando integração com as áreas verdes.



**[Figura 58]** Alocação do programa totalmente público voltado para atividades do movimento conforme zoneamento a seguir.



**[Figura 59]** Legenda por módulos de salas: **TOTAL = 44 módulos [8x10m]**

- [LARANJA] Comércio e serviços
- [ROXO] Salas de movimento
- [CINZA] Salas administrativas / Vestiários
- [ROSA] Salas de cultura
- [AMARELO] Espaços centrais de convivência
- [AZUL] Salas de saúde

## **[AGENCIAMENTO DO TERRENO]**

Em relação ao agenciamento do terreno foi pensado um desenho que acompanhe as intenções do projeto e contemple as suas necessidades. Dessa forma, a esquina foi um ponto de partida pensando-se nela como um verdadeiro respiro. Para ela, priorizou-se o vazio, com o objetivo de ser ocupada por pessoas e atividades, destinando apenas alguns bancos e jardineiras com árvores de pequeno porte para a sombra. Para a extremidade direita do terreno que acompanha a Rua Jorge Gomes de Sá, foi planejado o estacionamento - logo na entrada do terreno - pela facilidade de acesso dos carros, além da entrada de grande espaço de área verde que percorre toda a quadra, passando por detrás do terreno.

Ainda nas margens dessa rua, alinhado com o pavilhão, foi projetada uma grande calçada de 10m de largura com canteiros centrais que pudesse dar vida e sombra ao caminhar das pessoas com árvores de grande porte. Para acompanhar a circulação dos blocos de salas, foi pensado numa passarela elevada que circunda a parte entre o bloco e o pavilhão, descendo pela lateral maior do pavilhão até a calçada. A ideia é que nesse espaço se desenvolva uma grande alameda com árvores de grande porte e bastante sombra, formando um boulevard colorido e atrativo para o transeunte.



**[Figura 60]** Visão geral do terreno 01



**[Figura 61]** Visão geral do terreno 02

## **[FACHADAS]**

A fachada principal do bloco de sala foi pensada de forma a dar dinamicidade na horizontalidade característica do volume, sem pesar na sua composição. Para isso, foram utilizadas esquadrias de vidro e bandeira com venezianas de perfis metálicos como elemento compositivo principal, as quais participam de um jogo de cheios e vazios com painéis de alvenaria. A repetição das esquadrias é quebrada pela abertura do grande hall, que interrompe esse ritmo. Na parte de trás se desenvolve o bloco de circulação vertical e banheiros que na fachada principal é visível através da altura e do vazio dos halls. Como forma de proteger as salas da insolação direta, as lajes sacam formando um beiral de 2 metros, que circunda todo edifício, exceto na fachada de fundo, onde é trabalhada uma composição com brises verticais. Esse saque, se desenvolve como uma circulação, amparada por um guarda-corpo, onde as pessoas podem transitar livremente.

As esquadrias modulares do térreo possuem o sistema de abertura tipo camarão permitindo abertura total das salas e possibilitando a integração com a alameda, os jardins e o pavilhão, proporcionando um espaço fluido, onde a ventilação permeia por todo o prédio, assim como sugere Armando de Holanda no Roteiro para Construir no Nordeste. Como forma de destacar o sistema estrutural, vigas e pilares ganham tom terracota, as lajes permanecem na cor original do concreto e as esquadrias recebem um tom amadeirado.

Ainda na fachada principal, é possível notar as jardineiras que caem no topo, trazendo um pouco de humanização para a fachada em concreto armado. Já as fachadas laterais, são trabalhadas para destacar a estrutura, que se solta do volume principal através dos pórticos e vigas que se estendem até os pilares de trás. Para dar o arremate lateral é colocado um brise vertical que ajuda a barrar a insolação de oeste.

Por fim, a fachada dos fundos por onde passa a circulação principal para as salas, recebe um peitoril ventilado e conjunto de brises verticais no mesmo material das esquadrias em tom amadeirado. Também se destaca a estrutura do edifício, através da marcação dos pórticos e vigas, as quais também podem ser utilizadas como apoio para algumas modalidades de acrobacias aéreas, como o tecido acrobático.

O bloco de circulação com a escada e vestiários continua com a composição dos brises verticais e possui uma abertura central e recebe um saque que fica em balanço e promove um espaço ajardinado.



**[Figura 62]** Esquina



**[Figura 63]** Vista fachada fundo.



**[Figura 64]** Vista bloco banheiro.

## **[MATERIALIDADE]**

A definição dos materiais faz toda diferença no resultado final de qualquer projeto. Por isso mesmo, ao longo desse projeto sua escolha foi bastante cuidadosa para que eles conseguissem transmitir as reais intenções projetuais. Como norteador de suas escolhas, optou-se por usar um número restrito de diferentes materiais, pincelando-os de forma uniforme em todo conjunto para trazer unanimidade.

Como material de destaque foi escolhido uma textura terracota que busca compor com o verde que permeia toda a quadra. Essa cor foi usada para destacar os elementos construtivos. Já para as esquadrias utilizou-se o vidro e perfis metálicos em tom amadeirado com bandeira em venezianas, pela sua transparência e conseqüente ideia de continuidade e conexão entre os espaços. Ao longo de todas as fachadas, seja no volume de blocos ou no pavilhão, utilizou-se o concreto aparente.

Já a sua parte interna, o uso dos materiais vai se adequar às necessidades de cada uso. De maneira geral, para o piso interno é usado um piso monolítico tipo granilite, ideal para grandes áreas. Sua escolha foi dada pela sua durabilidade, fácil manutenção e baixo custo, além do aspecto mais natural para a região. Já nas salas como as de luta, por exemplo, é utilizado um revestimento em tatame, apropriado para tais práticas pela facilidade de limpeza, de instalação e manutenção. Por sua vez, nas salas de dança, optou-se pelo piso flutuante em compensado naval, ideal para a atividade. Já na academia, se utilizou o piso emborrachado feito com pneus reciclados (ecopex) apropriado para absorção de impacto e proteção adequada para atividades intensas. As paredes internas são de placas cimentícias de concreto aparente.

Já na parte externa, o agenciamento do piso é dado, principalmente, pela diferenciação de seus materiais. Nesse sentido, são utilizados dois tipos de materiais. O primeiro refere-se à parte de circulação elevada, onde

foram utilizadas régua de madeira para compor a alameda. Já na parte do nível zero, utiliza-se novamente um piso monolítico cimentício, sem diferenciação com a calçada, para dar ideia de continuidade e amplitude do espaço.

## [4.2]

### PAVILHÃO E O BLOCO DE SALAS

#### [PAVILHÃO]

Em cidades da Alemanha, França e Inglaterra, por exemplo, é comum encontrar espaços públicos com vários equipamentos esportivos, como diferentes tipos de barras, desníveis e canteiros de formas curvas que sugerem o movimento. Calçadas amplas e niveladas que convidam skatistas e patinadores, além de ciclovias, tornando a experiência de se locomover na cidade uma prática prazerosa e saudável, agregando o lazer à vida nas cidades e tornando-a menos melancólica e assustada. Nesse contexto, em cidades tropicais como o Recife, a necessidade de espaços cobertos para a prática de esportes é ainda maior. No entanto, é raro encontrar na cidade esse tipo de equipamento.

Dessa forma, a ideia do pavilhão surge para tentar suprir essa necessidade. Como um grande espaço público coberto, a ideia é que nele haja a estrutura para que esportes de cunho mais urbano, como o skate, patins, sejam praticados livremente. Com quase 1500m<sup>2</sup> e pé direito de 8 m, essa estrutura se comporta com uma grande marquise, que celebra a diversidade e heterogeneidade das práticas da cultura do movimento. Pelo seu tamanho, ele foi subdividido em 4 praças menores baseadas na altura de seus pisos. Essa diferenciação de nível é fundamental para dar dinâmica às práticas de esportes urbanos.

No lado esquerdo, foi acomodado um desnível de -1,5m com uma pequena arquibancada para apresentações eventuais de dança, por exemplo. Essa arquibancada foi delimitada pelo alinhamento com uma das 2 entradas que dão acesso ao bloco de salas pelo pavilhão. Ainda nesse alinhamento, foi colocado um bloco de banheiros para dar suporte ao público. No



**[Figura 65]** “Se as pessoas, em vez dos carros, forem convidadas para a cidade, o tráfego de pedestres e a vida na cidade aumentarão correspondentemente.” [Jan Gehl, 2010]



**[Figura 66]** The Plan for Play aims to make Barcelona a playable city by 2030.



**[Figura 67]** “Skateboarding was part of what makes our city attractive to young people. We have to give them things to do and places to be, places they want to be”. Raízes de árvores gerando desníveis no asfalto.



**[Figura 68]** Ale Cesario, University Luigi Bocconi, Milan. Photo Mike O'Meally.



**[Figura 69]** Brazilian skateboarders Pedro Barros and Murilo Peres were given permission to skate some of Oscar Niemeyer's iconic architecture. "Irreverence, freedom, the search for challenges, creativity in movement, all of this is in the essence of skateboarding as well as in Niemeyer's work, made of free, beautiful, and surprising curves."



**[Figuras 70 e 71]** Espaços públicos que demonstram uma nova forma de vivenciar a cidade, experimentando movimentos de nossos próprios corpos à luz do desenho urbano ou arquitetônico.

centro, abre-se um espaço de passagem no eixo da entrada para o bloco de salas, destinando o lado direito desse eixo para um espaço maior e livre com diferentes níveis e plataformas.

O agenciamento estimula a caminhabilidade e convida o público do parque a explorar e adentrar o novo equipamento. Embora o pavilhão pretenda trazer a função de lazer passivo de contemplação, seja coletivo ou individual, sua intenção principal está relacionada ao lazer ativo. Pretende-se trazer espaços de sombra para lazer ativo que faltam no parque, com o objetivo de complementar e reforçar seu caráter esportivo, retirando a ideia de parque genérico e tentando convertê-lo em parque de uso específico.

Em síntese, se um parque de bairro genérico não pode ser sustentado pelos usos derivados de uma diversidade natural e intensa da vizinhança, precisa ser convertido de parque genérico em parque específico. [Jacobs, 2001, p. 12]

Além da circulação, as funções ligadas ao lazer passivo [ou contemplativo] são consideradas algumas das mais comumente associadas aos espaços públicos, podendo se dividir em funções de contemplação [de vistas naturais ou culturais/edificadas], de sociabilização [ativa ou passiva] e de entretenimento pessoal [leitura, prática de instrumentos musicais, uso de smartphones, reflexão e meditação, entre outros]. Geralmente essas funções não se encontram de forma dissociada, pois os atributos para que ocorram costumam ser os mesmos. Essas atividades geralmente são as mais numerosas em qualquer espaço público porque são mais ligadas às práticas cotidianas e se caracterizam pela sua natureza mais inerte. Podem ser breves e ocorrer entre as atividades do dia a dia, mas, para que sejam mais frequentes e duradouras, elas demandam não apenas qualidades urbanísticas em seu entorno, mas também o investimento na qualidade espacial do espaço público em si [Funções dos espaços públicos na cidade contemporânea, p.14].

Vale salientar que o parque Santana possui um pavilhão que serve de abrigo para algumas atividades, como alongamentos e treinos funcionais. Entretanto, como pode-se observar, suas dimensões proporcionam um espaço longilíneo, que não favorece o uso por grupos maiores, ao contrário do que se nota na Jaqueira, onde seu formato mais circular abriga uma maior quantidade de pessoas. Em Santana, o pavilhão conecta-se a uma série de pórticos, que comumente é utilizada por praticantes de tecido acrobático. Entretanto, o chão nessa área apresenta uma série de desníveis, oferecendo riscos para os usuários. Dessa forma, o novo pavilhão, com dimensões e piso mais apropriados, é capaz de abrigar essas atividades e legitima esse uso de caráter público, trazendo a ideia de uma arquitetura urbana, onde os públicos se encontrem.

Esse pavilhão irá conectar o parque ao edifício proposto, constituindo um espaço livre que oferece às pessoas o exercício da liberdade. Como uma sala de estar pública, oferecendo um centro amplo e livre com bordas repletas de áreas assentáveis. Nesse contexto, entende-se que um espaço vazio desprogramado, ou seja, sem definição de uso específico, inserido nesse contexto - entre um parque de uso público e uma edificação privada - oferece um conjunto de possibilidades mais rico do que um objeto completamente pré-determinado, de forma a gerar um amolecimento dos limites entre o público e o privado, o coletivo e o individual, a cidade e o edifício (Bucci, Maciel, Brandão, 2020).



**[Figuras 72, 73 e 74]** Espaços públicos que demonstram uma nova forma de vivenciar a cidade, experimentando movimentos de nossos próprios corpos à luz do desenho urbano ou arquitetônico.



**[Figura 75 e 76]** A Prefeitura de Stuttgart, na Alemanha, teve a intenção de construir uma cobertura para o skatepark localizado em Friedhofstreet, ao norte da cidade. O novo envelope, construído em 2008, permite que o parque seja utilizado até as 22:00 horas, e também em caso de chuva ou neve. Arquitetos: Herrmann + Bosch Architekten.



**[Figura 77]** Pista de Skate Sob o Viaduto Krymsky / Snohetta + Strelka KB + Strelka Architects. A criação de uma pista de skate sob o viaduto fazia parte do plano de reconstrução de um Garden Ring (uma avenida circular ao redor do centro de Moscou). Antes da reconstrução, esse lugar era usado como estacionamento. Agora, este espaço público faz parte da vida social de Moscou e é um novo ponto de encontro para os jovens.



**[Figura 78]** O skate é uma experiência urbana. Com espaços públicos interativos e superfícies táteis, as pistas de skate começaram lentamente a moldar a maneira como pensamos o desenho urbano.



**[Figura 79]** "O skate surgiu nas cidades litorâneas da Califórnia, como uma atividade de surfistas, emulando os movimentos do surf nas superfícies urbanas e de concreto. O skate sempre foi uma questão de apropriação da cidade." Iain Borden em Skateboarding, Space and the City: Architecture and the Body.



**[Figura 80]** Escultura Dame du lac instalada em um parque público de Lisses, nos subúrbios de Paris, conhecido como "marco zero" do Parkour.



**[Figura 81]** How do you view your city? Does it feel constricting to you? Restrictive? Is it full of cold, lifeless structures? Unwelcoming? Unappealing? Or do you have no feeling about it, positive or negative? What's your vision of the urban environment you inhabit?



**[Figura 82]** Why the modern focus on safety at all costs is lowering our competence, confidence and capabilities while also making us less safe overall?



**[Figura 83]** But parkour is, in truth, an adaptive movement concept; we shape our movement at any given moment to fit a given situation, which leads to infinite variability and endless application.



**[Figura 84]** Training outdoors floods your senses with a mass of information and stimuli you just don't receive in a controlled indoor setting.



**[Figura 85]** Acesso alameda.



**[Figura 86]** Acesso central



**[Figura 87]** Fachada lateral direita



**[Figura 88]** Alameda e pavilhão

## **[SEMI-ENTERRADO]**

O acesso a este pavimento se dá pela fachada de trás, por baixo da escada de circulação principal do edifício. O desnível de -1,70m criado no jardim juntamente com o desnível de +1 m do edifício conforma um pé esquerdo de 2,70 m. O espaço abarca os ambientes de vestiários para funcionários, uma copa, um depósito, uma sala para gerador e outra para os filtros de água, além dos dois reservatórios inferiores, um de água potável e outro de águas cinzas provenientes do sistema auto irrigável para tetos jardins, conhecido como Tecgarden.

## **[TÉRREO]**

Uma característica comum da vida no espaço da cidade é a versatilidade e a complexidade das atividades, com muitos mais sobreposições e mudanças frequentes entre caminhada intencional, parada, descanso, permanência e bate-papo. Aleatoriamente e sem planejamento, ações espontâneas constituem parte daquilo que torna a movimentação permanente no espaço da cidade tão fascinante. Enquanto caminhamos para nosso destino, observamos pessoas e acontecimentos, somos inspirados a parar e olhar mais detidamente ou mesmo parar e participar. (GEHL, 2015, p. 20)

O térreo, como o pavimento diretamente ligado ao externo, é seguramente o pavimento mais importante em um edifício. É nele que acontecem as principais trocas com a cidade e que os outros pavimentos mantêm relação com o espaço urbano. Compreendendo essa importância, foram propostas atividades que pudessem enriquecer a urbanidade - de caráter mais recreativo - como: salas de danças (frevo, dança de salão e dança contemporânea), artes marciais (capoeira, muay-thai, krav maga, jiu-jitsu), ginástica e exercícios funcionais, sala de atividades circenses (tecido acrobático, lira, trapézio, corda indiana, argolas, acrobacias de solo, malabares), calistenia, parkour, musculação, slackline, arteterapia,

oficinas de cerâmicas), além de serviços como café, sorveteria e mecânico de bicicleta.

Ainda no térreo, no bloco de salas, foi pensado um grande hall de entrada com 20m de largura e um pé direito duplo de 8m de altura. Esse grande espaço se apresenta como uma extensão do pavilhão com algumas lojas/serviços voltadas para ele. Ao final do hall principal é possível encontrar o bloco de vestiários e circulação vertical, com escada e elevadores. Levando em consideração a orientação solar, as lojas foram alocadas para a fachada sudeste, colocando o corredor de circulação das salas na fachada de trás, menos favorecida (nordeste). Ainda pensando na vivacidade do térreo e em busca de trazer animação urbana para a esquina da quadra, alocou-se alguns serviços na fachada lateral, como loja de roupa fitness e de artigos esportivos.



**[Figura 89]** Relação entre o pavimento e o prédio

### **[1° ao 3° PAVIMENTO]**

Para os pavimentos superiores, a modulação das salas se repete em relação ao térreo. Nos pavimentos acima, as lojas foram incorporadas as salas vizinhas formando salas maiores voltadas para o movimento. As salas padrões possuem 10m x 8m, ou seja, 80m<sup>2</sup>. No entanto, para atender as necessidades de determinados usos, em alguns momentos se incorporam mais de um módulo, formando vãos de 160m<sup>2</sup>, como na academia e na sala de apresentações. Além desses usos necessitarem de espaços mais amplos, também precisam de pés direitos maiores. A disposição dos ambientes de circulação, banheiros e circulação vertical também permanece a mesma do pavimento térreo, exceto no primeiro pavimento, onde há o vão do pé direito duplo do hall no térreo.



**[Figura90]** Halls centrais.

## **[COBERTURA]**

Para a cobertura foi pensado um grande terraço, com trechos cobertos e descobertos, que pudesse aproveitar a vista do parque e da praça, buscando fazer com que o espaço público também aconteça na quinta fachada. Para dar suporte a esse espaço, um dos blocos de banheiros foi transformado em restaurante, voltando-se para o espaço livre com vista panorâmica. Seu layout foi pensado para o desenvolvimento de diferentes atividades, criando ambientes diversos, ora para comer, para conversar, ora para contemplar. Além disso, foi reservado uma parte mais livre para expressões espontâneas. Apenas os dois módulos centrais recebem cobertura com telha termoacústica, enquanto os outros recebem pérgolas, mantendo a linguagem do pavilhão, e o último trecho à direita permanece descoberto. Também nos dois módulos centrais, o revestimento do piso é em régua de madeira e o restante do pavimento recebe solo natural através do sistema de piso elevado para jardins, o tecgarden.



**[Figura 91]** Restaurante Cobertura



**[Figura 92]** Área livre Cobertura.

## **[4.3]**

### **ASPECTOS GERAIS DO PROJETO**

#### **[SISTEMA CONSTRUTIVO]**

Desde o primeiro momento, o sistema construtivo foi um partido para o projeto. Devido a necessidade de vencer grandes vãos, a solução estrutural adotada foi um sistema de concreto protendido, com grandes pórticos e lajes em concreto protendido. Essa decisão parte do princípio de unir aspectos estéticos e funcionais, buscando usar pilares e vigas para se criar grandes pórticos, nos quais as lajes se sustentam. Nesse projeto, a estrutura foi usada como forma de correlacionar os dois blocos e trazer unidade para a composição. Dessa forma, busca-se usar de uma robustez nos pilares e na viga superior para torná-lo destaque, que foi permitida através do uso do concreto.

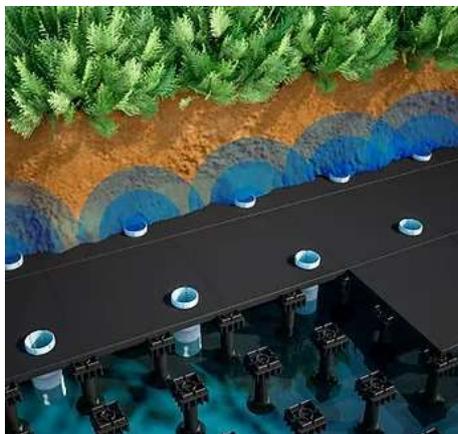
Os pórticos são um elemento importante do projeto e estão presentes tanto no pavilhão quanto no prédio, dando unidade ao conjunto. Sua linguagem traz a ideia de robustez e firmeza para a estrutura. Os pilares ganharam destaque nessa proposta, foram o partido de ocupação do terreno. As lajes foram estendidas com pequenos balanços, criando bordas e proteção solar para as fachadas. E finalmente as vigas, contrabalanceando os grandes pórticos e com uso próprio para algumas das atividades espontâneas de movimento da população do entorno.

#### **[TECGARDEN]**

Na cobertura, utilizou-se a tecnologia do piso elevado - TECGARDEN - com sistema auto irrigável, ideal para tetos jardins e que permite o reaproveitamento da água da chuva para o abastecimento do edifício,

através dos filtros, e para manutenção dos jardins. O sistema funciona por capilaridade e, dessa forma, dispensa o uso de energia elétrica, bombas ou mecanismo automático ou manual. É composto por pedestais e tubos de irrigação, além de placas de piso elevado fabricadas em polipropileno termoplástico. A solução foi escolhida pela sua sustentabilidade, facilidade e custo de manutenção, além de permitir o plantio de vegetação rasteira bem como de grande porte, dando liberdade de criação do paisagismo. De forma geral, ela aumenta a presença do verde em áreas urbanas e contribui para a redução de poluentes em suspensão e aumenta a vida útil da impermeabilização da laje.

**[Figura 93]** A água da chuva retorna por capilaridade, atuando como um lençol freático artificial.



**[Figura 94]** Caixa de inspeção com bóia de abastecimento.



**[Figura 95]** Placas de piso elevado sobre pedestais de altura regulável e reservatório temporário de água

## [TELHA SANDUÍCHE]

A telha termoacústica ou telha sanduíche é composta por três camadas sobrepostas, sendo a camada central um componente isolamento térmico e as camadas externas, chapas metálicas em formato trapezoidal.

O material isolante da parte interna da telha varia, podendo ser o poliuretano, poliestireno expandido (EPS) ou a lã de rocha. Já as chapas metálicas, geralmente de aço galvalume - composto de alumínio, zinco e silício e, portanto, mais resistente que o aço galvanizado - podem receber acabamento em pintura eletrostática, que dá uma resistência ainda maior à telha.

Sua principal vantagem é o alto desempenho térmico e acústico, sendo a espessura do núcleo diretamente proporcional à sua propriedade isolante, gerando maior conforto ao ambiente. Entre outras vantagens pode-se citar sua resistência e durabilidade - com mínima necessidade de manutenção -, estanqueidade, o que evita problemas de infiltração, e a necessidade de poucos apoios, visto que sua estrutura é mais leve e autoportante em comparação às telhas tradicionais de cerâmica. Além disso, permite a instalação de placas fotovoltaicas, como indicado no projeto.



[Figura 96] Telhas termoacústicas.



# CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de cultura corporal do movimento é relativamente jovem, tendo sido formulado na década de 90. No entanto, a prática de atividades que movimentam o corpo humano nasce concomitante à evolução do homem. Como visto neste trabalho, ao longo do tempo, algumas práticas esportivas que, até então, desempenhavam um papel prático ligado à saúde e ao exercício, se transformaram numa expressão cultural, dando a elas um caráter social. Atualmente, muitos desses esportes usam a rua como cenário principal para sua prática, exercendo um papel importante do ponto de vista urbano.

Na cidade do Recife, a prática de skate, parkour, patins, danças livres, entre tantos outros esportes que compõem a cultura do movimento esbarram na falta de espaços públicos cobertos e com infraestrutura adequada. Dessa forma, entendendo-se os benefícios que o incentivo a essas práticas podem trazer para o espaço urbano, principalmente no que diz respeito a vitalidade urbana, este trabalho busca oferecer aos grupos de movimento autônomos e de recortes sociais distintos da cidade um espaço abrigado e gratuito.

Portanto, o Espaço da Cultura do Movimento se apresenta como um projeto que prioriza as pessoas, valoriza o intercâmbio com o parque Santana e requalifica um espaço sem uso, visando proporcionar um espaço único e singular em toda cidade. O pavilhão e o bloco de salas foram projetados a partir dos percursos, da esquina, das necessidades dos usuários e da busca por conexão com a cidade. Ao longo destes percursos, foram criados ambientes de permanência e sombra, espaços livres para o caminhar e o exercitar, bem como locais de repouso e respiro. Por meio de um edifício congregador e de um programa variado e coerente com o objetivo, busca-se, portanto, potencializar a dinâmica presente na área.



# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## [CAPÍTULO 01]

AUGÉ, Marc. Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus Editora, 1994.

Cidade lúdica: um estudo antropológico sobre as práticas de Parkour em São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-05072011-142133/en.php>>. Acesso em 04/08/2023

GEHL, Jan. Cidades Para Pessoas. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013 [ed. Original 2010].

GONSALES, Célia Helena C. Cidade moderna sobre cidade tradicional: movimento e expansão - parte 2. Vitruvius, 2005. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.059/473>. Acessado em:

JACOBS, Jane. [Morte e vida de grandes cidades]. Martins Fontes, 2000.

MORAIS, Mariana Oliveira Braga de. PASSAGEM DO PÁTIO: uma releitura de edifício passagem no bairro da Soledade. 2016. 80 f. TCC - Curso de Arquitetura, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. Melancolia na desigualdade urbana | Ermínia Maricato, 2017. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/melancolia-na-desigualdade-urbana-erminia-maricato/>. Acessado em:

PINSKY, Jaime. As primeiras civilizações. São Paulo: Contexto, 2011

SABOYA, Renato T. Fatores morfológicos da vitalidade urbana - Parte 1: Densidade de usos e pessoas, 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/798436/fatores-morfologicos-da-vitalidade-urbana-nil-parte-1-densidade-de-usos-e-pessoas-renato-t-de->



compaz-fabrica-de-cidadania-do-recife. Acessado em:

PREFEITURA DO RECIFE. O bairro de Santana. Disponível em:

<https://www2.recife.pe.gov.br/servico/santana?op=NTI4Mg==>. Acessada em:

QUEIROZ, Cecília A.; PAZ, Ubirajara, NERY, Nancy. Apreensão dos Espaços Livres Públicos do Recife: Um recorte sobre os bairros da Jaqueira e Santana. *HumanÆ*. Questões controversas do mundo contemporâneo. v, 13, n. 2, 2019

RECIFE, 2001. Lei dos 12 Bairros. Nº 16.719/2001, sancionada em 30 de novembro de 2001 em:

<https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinaria/2001/1672/16719/lei-ordinaria-n-16719-2001-cria-a-area-de-reestruturacao-urbana-aruc-posta-pelos-bairros-derby-espinheiro-gracas-aflitos-jaqueira-parnamirim-santana-casa-forte-pocoda-panela-monteiro-apipucos-e-parte-do-bairro-tamarineira-estabelece-as-condicoes-de-uso-e-ocupacao-do-solo-nessa-area>. Acessada em: <https://pt.wikiarquitectura.com/constru%C3%A7%C3%A3o/cidade-da-musica-philharmonic/>

Recife: Prefeitura da Cidade do Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita. Parque e Paisagem – Um olhar sobre o Recife. Editora Universitária UFPE. 2010

SÁ CARNEIRO, Ana Rita; MESQUITA, Liana de Barros. Espaços livres do Recife.

SILVA, Rebeca Rayane C. S. A influência da imagem do lugar na apropriação do espaço público: o caso do Parque Santana. Dissertação de Mestrado, UFPE, 2021.

### **[CAPÍTULO 03]**

ARCHDAILY. Praça das Artes, 2018. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>. Acessada em:

CHRISTIAN DE PORTZAMPARC. Cité de la Musique Aile Est. Disponível em:

<<https://www.christiandeportzamparc.com/fr/projects/cite-de-la-musique-est/>>.

CITÉ DE LA MUSIQUE. Disponível em:  
<<https://www.citedelamusique.fr/francais/>>.

GROSSMAN, Vanessa. Concreto líquido contra uma vida líquida? O real e o ideal na Marquise do Ibirapuera, 2022. Disponível em:  
<<https://pp.nexojournal.com.br/topico/2022/02/10/Concreto-l%C3%ADquido-contra-uma-vida-l%C3%ADquida-O-real-e-o-ideal-na-Marquise-do-Ibirapuera>>.

REVISTA PROJETO. Christian de Portzamparc: as paredes têm ouvidos, 2022. Disponível em:  
<<https://revistaprojeto.com.br/acervo/christian-de-portzamparc-cidade-da-musica-as-paredes-tem-ouvidos/>>.

VADA, Pedro. Marquise do Ibirapuera: suporte ao uso indeterminado, 2019. Disponível em:  
<<https://www.archdaily.com.br/br/916187/marquise-do-ibirapuera-suporte-ao-uso-indeterminado>>.

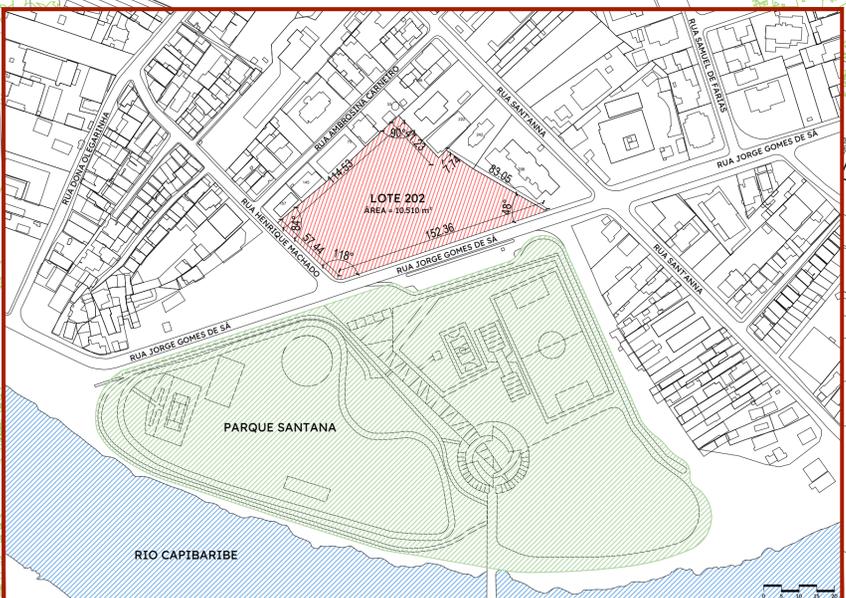
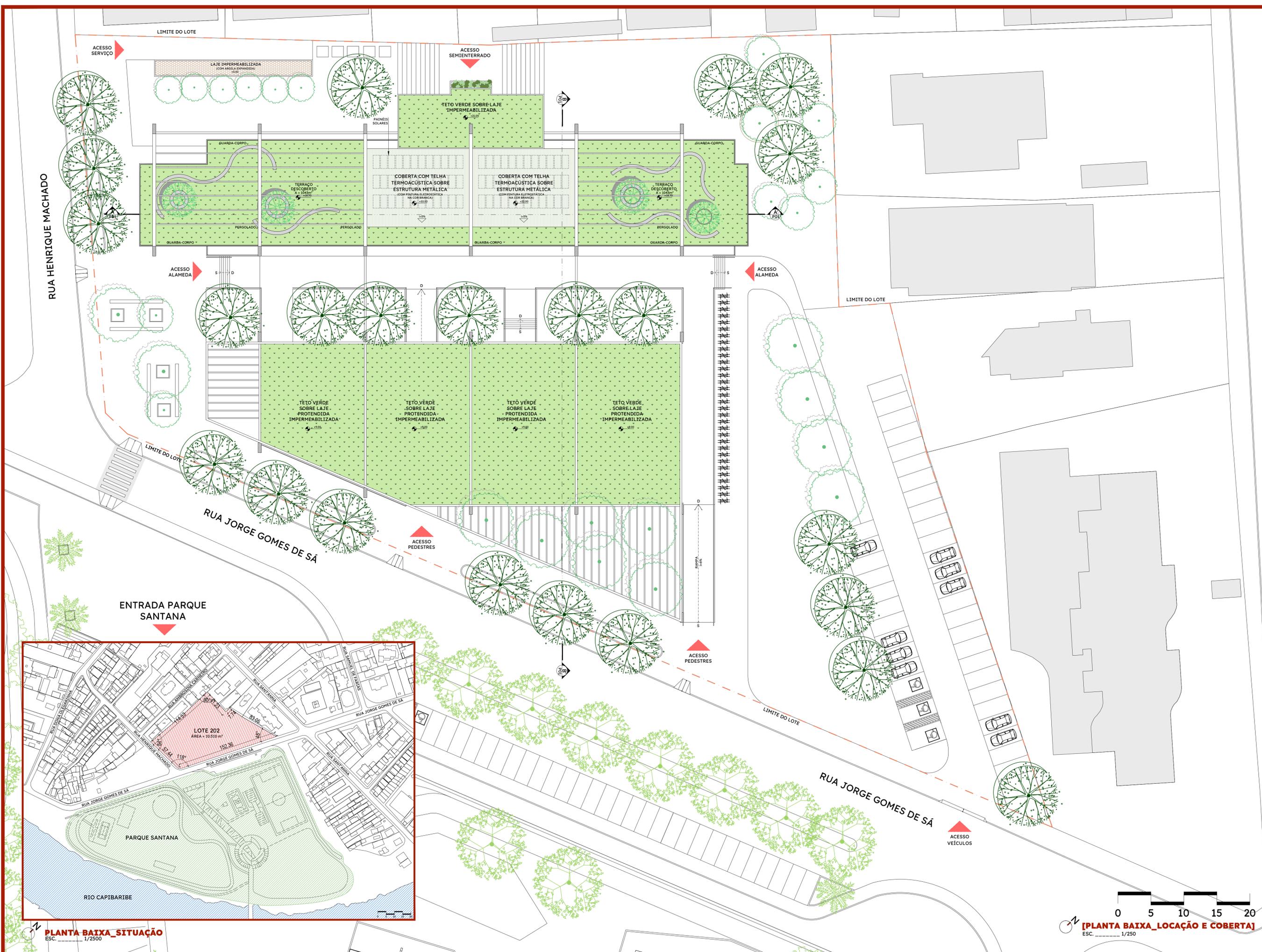
VIVA DECORA. Praça das artes: conheça o projeto e + 7 curiosidades históricas, 2022. Disponível em:  
<<https://www.vivadecora.com.br/pro/praca-das-artes/>>.

WIKIARQUITECTURA. Cidade da Música. Disponível em:  
<<https://pt.wikiarquitectura.com/constru%C3%A7%C3%A3o/cidade-da-musica-philharmonic/>>.





**ANEXOS**



**PLANTA BAIXA\_SITUAÇÃO**  
ESC. 1/2500



**[PLANTA BAIXA\_LOCAÇÃO E COBERTA]**  
ESC. 1/250

**[CORPO E CIDADE]**  
ESTUDO PRELIMINAR PARA UM CENTRO DA CULTURA CORPORAL DO MOVIMENTO NO BAIRRO DE SANTANA - RECIFE/PE.

**[ALUNA]**  
REBECA ROCHA SANTOIANI

**[ORIENTADOR]**  
ÊNIO LAPROVITERA

**[CONTEÚDO]**  
PLANTA DE SITUAÇÃO E COBERTA

**[DATA]**  
11/05/2024

**[PRANCHA]**

**[ESCALA]**  
1/250

**01** / 08

**[TABELA DE ÁREAS]**

TERRENO ..... 10.510m<sup>2</sup>

ÁREA CONSTRUÍDA ..... 9.541m<sup>2</sup>

SEMI-ENTERRADO + PAVIMENTO 1 ..... 42m<sup>2</sup>

PAVIMENTO 2 ..... 142m<sup>2</sup>

PAVIMENTO 3 ..... 142m<sup>2</sup>

COBERTURA ..... 187m<sup>2</sup>

COBERTA ..... 562m<sup>2</sup>

COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO ..... 0,45

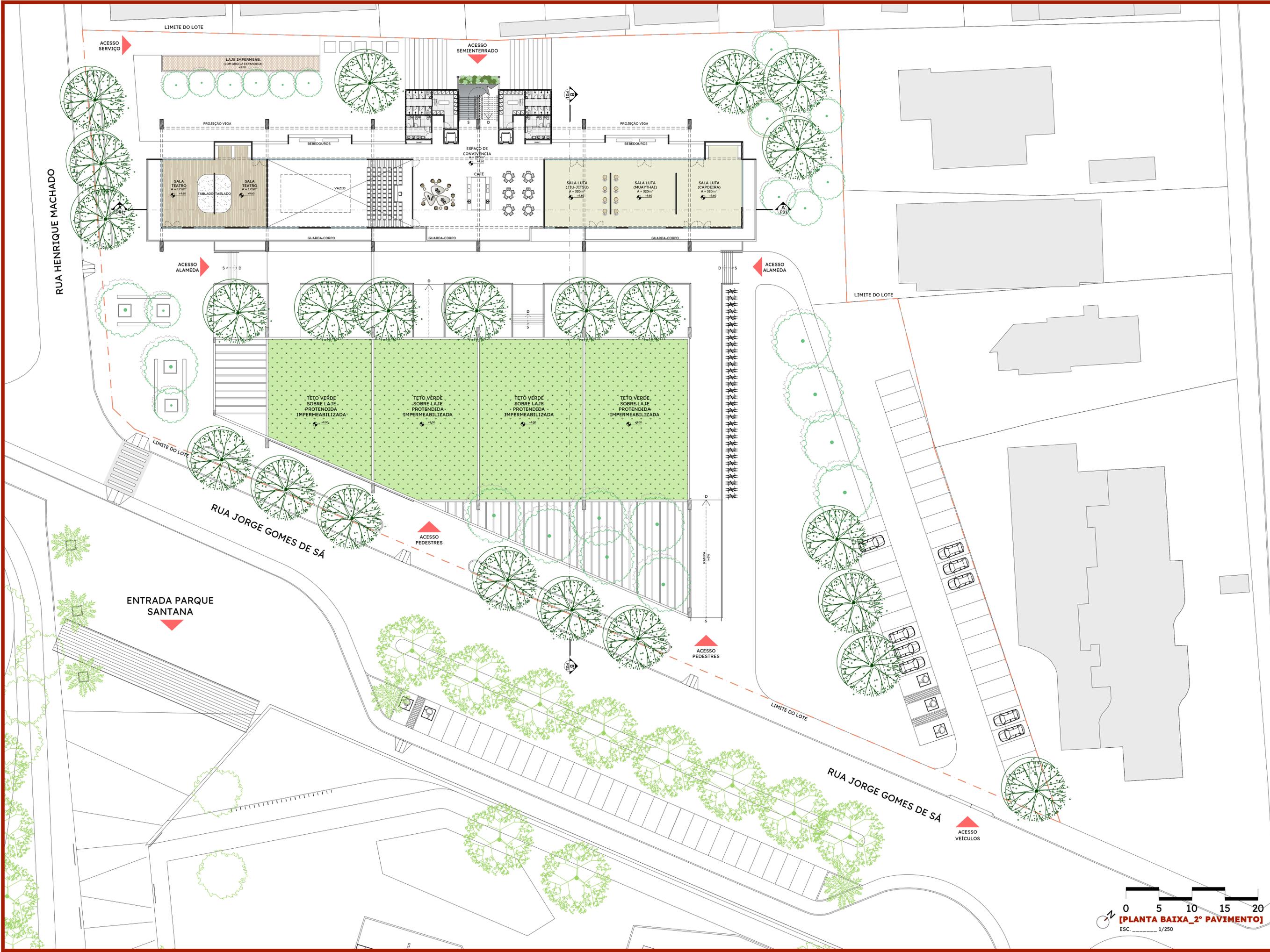
TAXA DE OCUPAÇÃO ..... 6,310m<sup>2</sup> [33%]

SOLO NATURAL (TERRA) ..... 60%

SOLO NATURAL (COBERTURA) ..... 28m<sup>2</sup> [28%]







**[CORPO E CIDADE]**  
 ESTUDO PRELIMINAR PARA UM CENTRO DA CULTURA CORPORAL DO MOVIMENTO NO BAIRRO DE SANTANA - RECIFE/PE.

[ALUNA] REBECA ROCHA SANTOIANI  
 [ORIENTADOR] ÉNIO LAPROVITERA

[CONTEÚDO] PLANTA BAIXA\_2º PAVIMENTO  
 [DATA] 11/05/2024

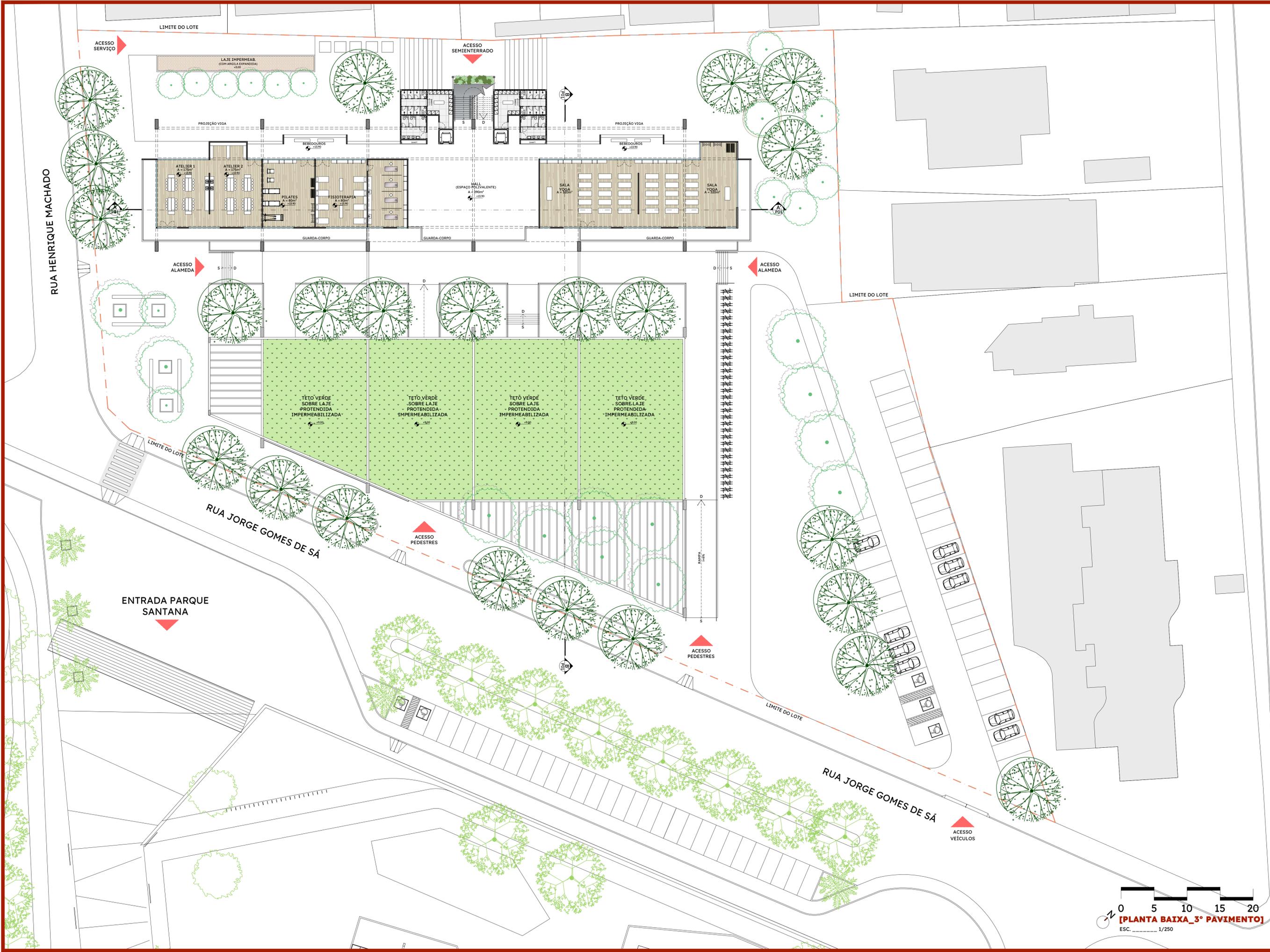
[PRANCHA] 04/08  
 [ESCALA] 1/250

[TABELA DE ÁREAS]

TERRENO	10.510m <sup>2</sup>
ÁREA CONSTRUÍDA	9.541m <sup>2</sup>
SEMI-ENTERRADO + PAVIMENTO	429m <sup>2</sup>
PAVIMENTO 1	142m <sup>2</sup>
PAVIMENTO 2	142m <sup>2</sup>
COBERTURA	187m <sup>2</sup>

COBERTA	562m <sup>2</sup>
COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	0,45
TAXA DE OCUPAÇÃO	6,310m <sup>2</sup> [33%]
SOLO NATURAL (TERREO)	60%
SOLO NATURAL (COBERTURA)	28m <sup>2</sup> [28%]





**[CORPO E CIDADE]**  
 ESTUDO PRELIMINAR PARA UM CENTRO DA CULTURA CORPORAL DO MOVIMENTO NO BAIRRO DE SANTANA - RECIFE/PE.

[ALUNA] REBECA ROCHA SANTOIANI  
 [ORIENTADOR] ÉNIO LAPROVITERA

[CONTEÚDO] PLANTA BAIXA\_3º PAVIMENTO  
 [DATA] 11/05/2024

[ESCALA] 1/250

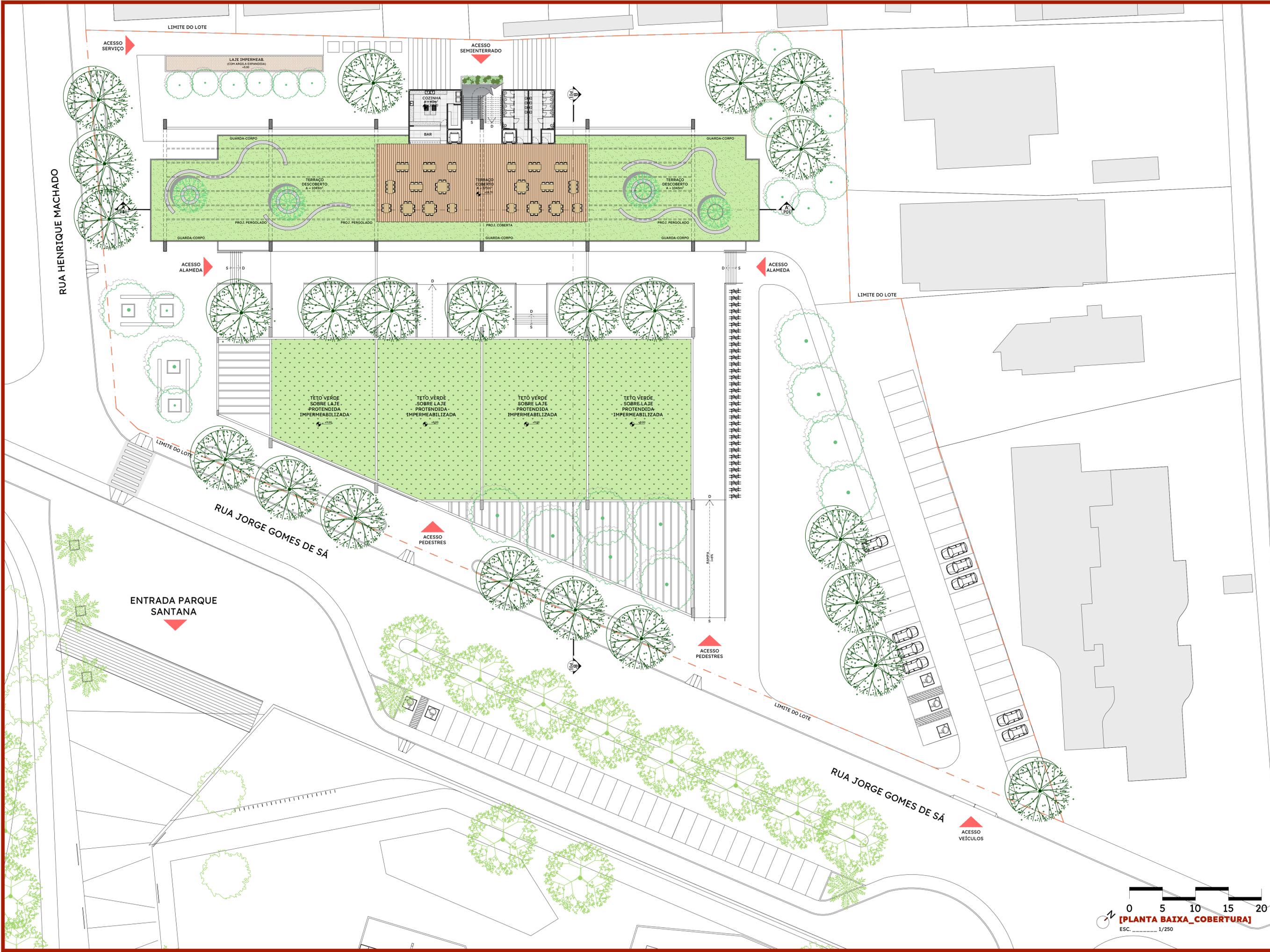
[PRANCHA] 05 / 08

[TABELA DE ÁREAS]

TERRENO	10.510m <sup>2</sup>
ÁREA CONSTRUÍDA	9.541m <sup>2</sup>
SEMI-ENTERRADO + PAVIMENTO 1	42m <sup>2</sup>
SEMI-ENTERRADO + PAVIMENTO 2	142m <sup>2</sup>
SEMI-ENTERRADO + PAVIMENTO 3	142m <sup>2</sup>
COBERTURA	181m <sup>2</sup>

COBERTA	562m <sup>2</sup>
COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	0,45
TAXA DE OCUPAÇÃO	6,310m <sup>2</sup> [33%]
SOLO NATURAL (TERRÃO)	60%
SOLO NATURAL (COBERTURA)	28m <sup>2</sup> [28%]

0 5 10 15 20  
**[PLANTA BAIXA\_3º PAVIMENTO]**  
 ESC. 1/250



RUA HENRIQUE MACHADO

LIMITE DO LOTE

ACESSO SERVIÇO

ACESSO SEMIENTERRADO

ACESSO ALAMEDA

ACESSO ALAMEDA

LIMITE DO LOTE

LIMITE DO LOTE

RUA JORGE GOMES DE SÁ

ENTRADA PARQUE SANTANA

ACESSO PEDESTRES

ACESSO PEDESTRES

LIMITE DO LOTE

RUA JORGE GOMES DE SÁ

ACESSO VEICULOS



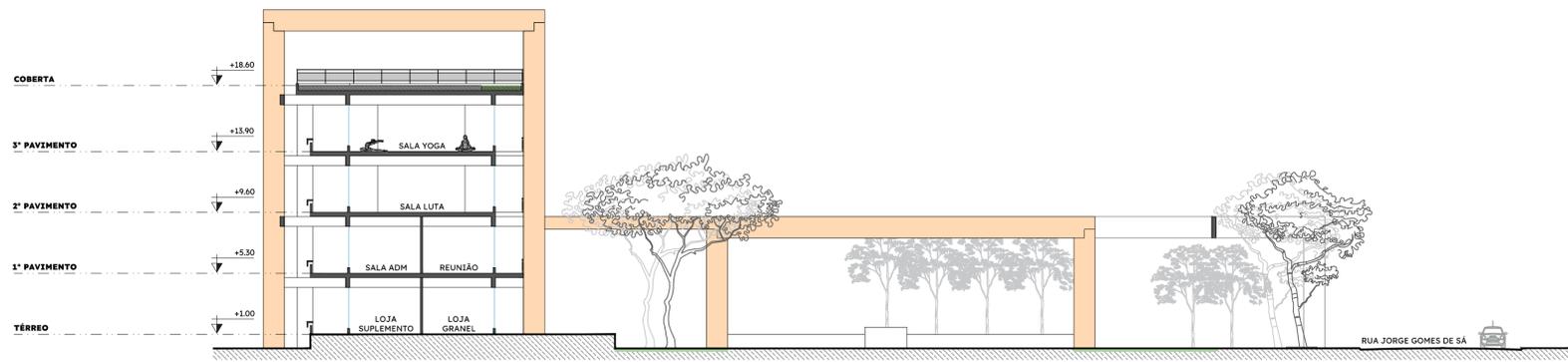
**[CORPO E CIDADE]**  
 ESTUDO PRELIMINAR PARA UM CENTRO DA CULTURA CORPORAL DO MOVIMENTO NO BAIRRO DE SANTANA - RECIFE/PE.

**[ALUNA]** REBECA ROCHA SANTOIANI  
**[ORIENTADOR]** ÉNIO LAPROVITERA

**[CONTEÚDO]** PLANTA BAIXA\_COBERTURA  
**[DATA]** 11/05/2024

**[PRANCHA]** 06/08  
**[ESCALA]** 1/250

<b>[TABELA DE ÁREAS]</b>	TERRENO	10.510m <sup>2</sup>
	ÁREA CONSTRUÍDA	9.541m <sup>2</sup>
	SEMI-ENTERRADO + PAVILHÃO	429m <sup>2</sup>
	PAVIMENTO 2	142m <sup>2</sup>
	PAVIMENTO 3	142m <sup>2</sup>
	COBERTURA	181m <sup>2</sup>
	COBERTA	562m <sup>2</sup>
	COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	0,45
	TAXA DE OCUPAÇÃO	6,310m <sup>2</sup> [33%]
	SOLO NATURAL (TERREO)	60%
	SOLO NATURAL (COBERTURA)	28m <sup>2</sup> [24%]



**[CORTE AA']**  
ESC. 1/250



**[CORTE BB']**  
ESC. 1/250



**[VISÃO GERAL DO TERRENO 01]**



**[VISÃO GERAL DO TERRENO 02]**

**[PERSPECTIVAS]**



**[ESQUINA]**



**[VISTA FACHADA FUNDO]**



**[VISTA BLOCO DE BANHEIROS]**



**[ACESSO ALAMEDA]**



**[ACESSO CENTRAL]**



**[RELAÇÃO ENTRE TÉRREO E 1º PAVIMENTO]**



**[FACHADA LATERAL DIREITA]**



**[ALAMEDA E PAVILHÃO SEM ÁRVORE]**

COBERTA	562m <sup>2</sup>
COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	0,45
TAXA DE OCUPAÇÃO	6,310m <sup>2</sup> [33%]
SOLO NATURAL TOTAL [60%]	60%
SOLO NATURAL (TÉRREO)	3,50m <sup>2</sup> [20%]
SOLO NATURAL (COBERTURA)	2,81m <sup>2</sup> [15%]

TABELA DE ÁREAS	10,510m <sup>2</sup>
TERRENO	9,541m <sup>2</sup>
SEMI-ENTERRADO + PAVILHÃO	42m <sup>2</sup>
PAVIMENTO 1	1,42m <sup>2</sup>
PAVIMENTO 2	1,42m <sup>2</sup>
PAVIMENTO 3	1,42m <sup>2</sup>
COBERTURA	1,81m <sup>2</sup>

**[PRANCHA]**  
**07** / 08

**[ESCALA]**  
1/250

**[CONTEÚDO]**  
CORTES E PERSPECTIVAS  
**[DATA]**  
11/05/2024

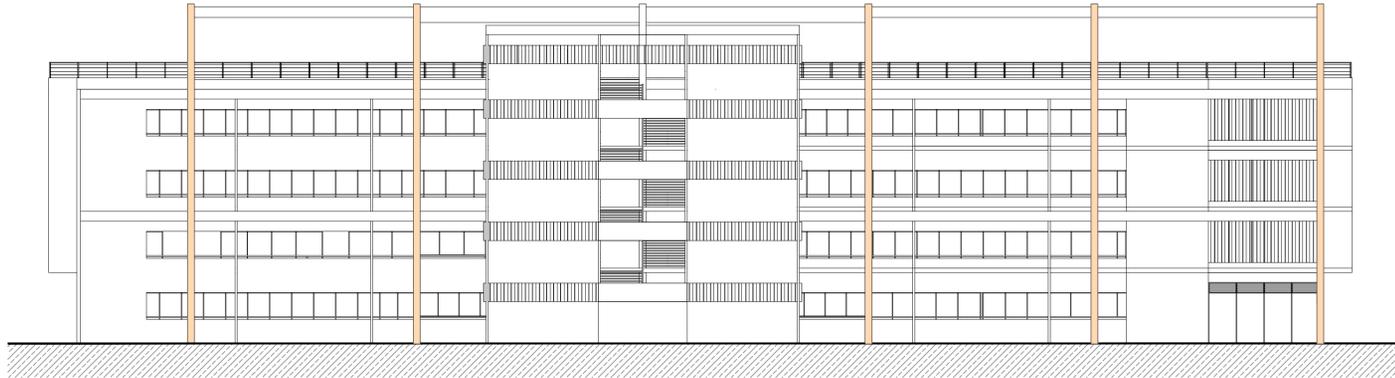
**[ALUNA]**  
REBECA ROCHA SANTOIANI  
**[ORIENTADOR]**  
ÊNIO LAPROVITERA

**[CORPO E CIDADE]**  
ESTUDO PRELIMINAR PARA UM CENTRO DA CULTURA CORPORAL DO MOVIMENTO NO BAIRRO DE SANTANA - RECIFE/PE.



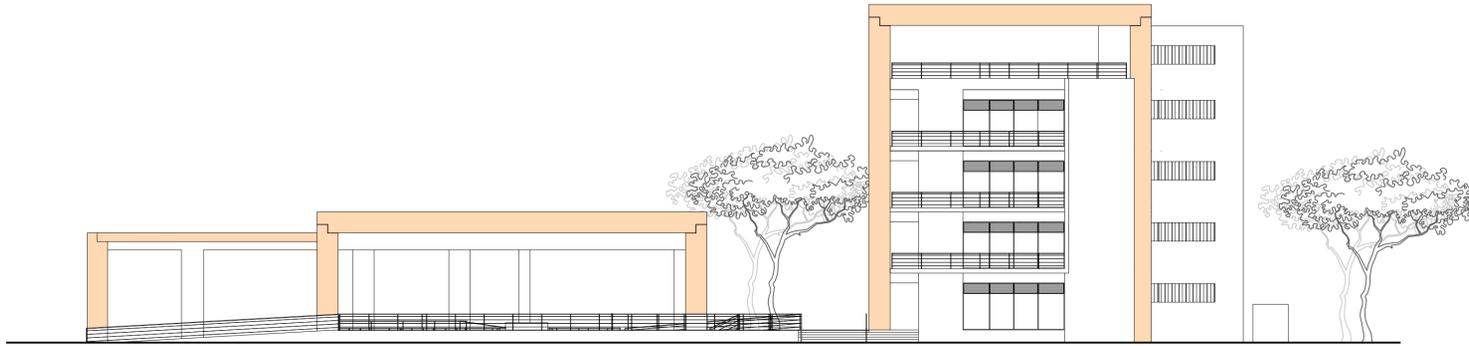
**[FACHADA FRENTE]**

ESC. \_\_\_\_\_ 1/250



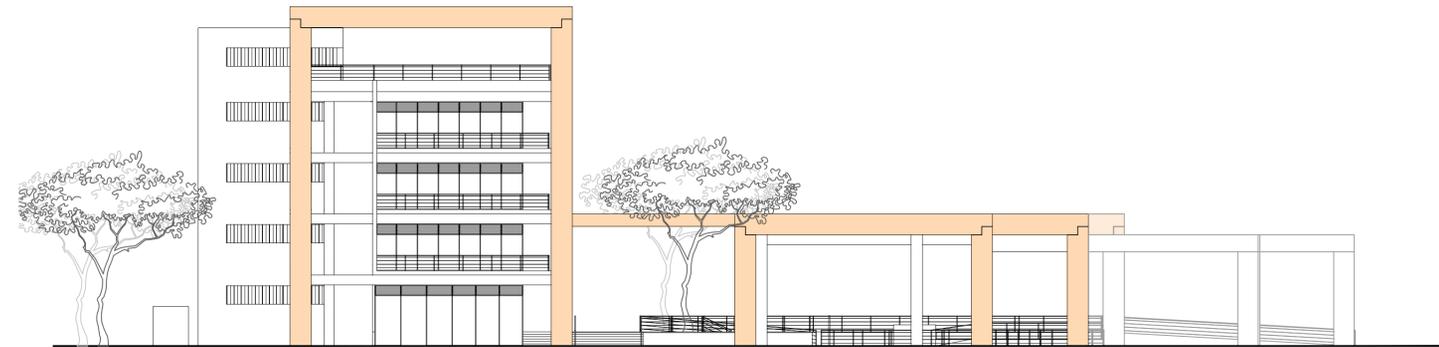
**[FACHADA FUNDO]**

ESC. \_\_\_\_\_ 1/250



**[FACHADA DIREITA]**

ESC. \_\_\_\_\_ 1/250



**[FACHADA ESQUERDA]**

ESC. \_\_\_\_\_ 1/250

**[PERSPECTIVAS]**



**[HALLS CENTRAIS]**



**[ACESSO LATERAL DIREITA]**



**[ALAMEDA E PAVILHÃO COM ÁRVORES]**



**[RESTAURANTE COBERTURA]**



**[ÁREA LIVRE COBERTURA]**

COBERTA .....562m<sup>2</sup>  
 COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO .....0,45  
 TAXA DE OCUPAÇÃO .....6,310m<sup>2</sup>[33%]  
 SOLO NATURAL (TERREO) .....60%  
 SOLO NATURAL (COBERTURA) .....3,28m<sup>2</sup>[0,6%]

**[TABELA DE ÁREAS]**  
 TERRENO .....10.510m<sup>2</sup>  
 ÁREA CONSTRUÍDA .....9.541m<sup>2</sup>  
 SEQUENCIADO + PAVILHÃO .....42m<sup>2</sup>  
 PAVILHÃO 1 .....142m<sup>2</sup>  
 PAVILHÃO 2 .....142m<sup>2</sup>  
 COBERTURA .....181m<sup>2</sup>

**[PRANCHA]**  
 08 /08

**[ESCALA]**  
 1/250

**[CONTEÚDO]**  
 FACHADAS E PERSPECTIVAS  
**[DATA]**  
 11/03/2024

**[ALUNA]**  
 REBECA ROCHA SANTOIANI  
**[ORIENTADOR]**  
 ÉNIO LAPROVITERA

**[CORPO E CIDADE]**  
 ESTUDO PRELIMINAR PARA UM CENTRO DA CULTURA CORPORAL DO MOVIMENTO NO BAIRRO DE SANTANA - RECIFE/PE.